

A BATALHA DE MORTAIN Por Reinaldo V. Theodoro



Carro blindado M8 Greyhound capturado pelos alemães durante a Batalha de Mortain.

Quando pessoas familiarizadas com as batalhas da 2ª Guerra Mundial são questionadas sobre uma ofensiva alemã contra os americanos, a lembrança é imediata: Ardenas. Se a pergunta é sobre um cerco épico sofrido pelos americanos, a resposta também é óbvia: Bastogne. No entanto, numa escala menor e com características bastante similares, a Batalha de Mortain também nos apresenta uma importante (e igualmente desesperada) ofensiva alemã, em que foram concentradas as melhores unidades blindadas disponíveis, destinadas a penetrar uma linha americana tenuemente defendida para atingir rapidamente objetivos distantes e absolutamente vitais. Em ambas as batalhas, os alemães tinham a esperança de recuperar a iniciativa estratégica e, em ambas, ocorreu um dramático cerco a uma força americana. E, finalmente, os dois episódios tiveram os mesmos resultados, igualmente decisivos.

A Organização dos Exércitos na Normandia

As forças aliadas que combatiam na Normandia estavam organizadas sob o 21º Grupo-de-Exércitos, do General Bernard L. Montgomery (alcançado "Monty"), o mais afamado militar britânico da 2ª Guerra Mundial. Enquanto a campanha no Oeste estivesse limitada à Normandia, ele também fazia o papel de comandante supremo de todas as forças terrestres. Porém, uma vez que houvesse espaço e forças suficientes para isso, o 12º Grupo-de-Exércitos americano seria ativado e

o comando de toda a frente passaria a ser exercido pelo General americano Dwight D. Eisenhower ("Ike"). Subordinados a Montgomery estavam o 1º Exército americano (General Omar N. Bradley) e o 2º Exército britânico (General Milles C. Dempsey). Em vias de ativação estavam o 3º Exército americano, do General George S. Patton Jr., e o 1º Exército canadense, do General Henry D. G. Crerar. Quando o 12º Grupo-de-Exércitos fosse ativado, ele seria comandado por Bradley e o 1º Exército passaria ao comando do General Courtney H. Hodges. O 12º Grupo-de-Exércitos comandaria então os exércitos americanos e o 21º, as forças anglo-canadenses.

Do lado alemão, a frente da Normandia era responsabilidade do Grupo-de-Exércitos "B". Originalmente, ele era comandado pelo Feldmarschall (Marechal-de-Campo) Erwin Rommel, a "Raposa do Deserto", mas ele havia sido posto fora de combate a 17/07/44 por um caça-bombardeiro britânico. O comandante supremo no Ocidente, o Feldmarschall Günther von Kluge, assumiu as suas funções, acumulando os dois cargos. Na Normandia, estavam o 7º Exército e o Grupo Panzer Oeste, comandados, respectivamente, pelo SS-Oberstgruppenführer (General das Waffen-SS) Paul Hausser e pelo General Heinrich Eberbach. A 05/08/44, o Grupo Panzer Oeste foi rebatizado 5º Exército Panzer. A 09/08/44, Hausser assumiu o comando da nova formação, enquanto o 7º Exército passou para o comando de Eberbach a 22/08/44. No entanto, Kluge sofria

com um intenso controle à distância pelo Führer, Adolf Hitler, de Berchtesgaden. Hitler sobrevivera a um atentado a bomba a 20/07/44 e tornou-se cada vez mais desconfiado do oficialato do Exército. Ele não toleraria mais nenhum tipo de insubordinação. Discordar significava deslealdade e deslealdade significava a morte.

Rompendo o Impasse na Normandia

Oito semanas após o “Dia-D”, alemães e aliados enfrentavam-se ferozmente na região predominantemente rural da Normandia. A despeito da conquista de um porto e do contínuo avanço aliado para o interior, a planejada progressão estava muito atrasada e as elevadas baixas não estavam sendo justificadas pelos resultados da campanha. Era bem verdade que o Exército alemão estava sendo sangrado, mas ainda havia muitas divisões em reserva alhures e os alemães não haviam perdido de maneira alguma a sua capacidade ofensiva. A grande invasão, que custara anos de planejamento e que era a grande esperança das potências ocidentais para acabar mais depressa a guerra, estava correndo o risco de se transformar num grande beco sem saída.

Tudo isso mudaria com o lançamento da “Operação Cobra”. Nesse dia, a linha alemã entre Saint Lô e Perier seria pulverizada por um potente bombardeio aéreo, inclusive com bombardeiros quadrimotores pesados. Em seguida, três divisões de infantaria (4ª, 9ª e 30ª) avançariam, se aproveitariam do caos resultante do bombardeio e penetrariam as posições alemãs, criando uma brecha por onde duas divisões blindadas (2ª e 3ª) e uma de infantaria (1ª, a “Big Red One”) arremeteriam em direção a Avranches. Uma vez lá, a fechadura da posição alemã na Normandia estaria arrombada e as forças aliadas poderiam avançar para os portos da Bretanha e para o interior da França. Seria o fim do impasse. Totalmente inferiorizados em meios móveis, os alemães não poderiam sustentar uma guerra de movimento e, com isso, o Exército alemão na França entraria em colapso.

Originalmente, a operação foi planejada para o dia 18, mas, devido ao mau tempo, foi adiada para o dia 21 e, depois, 24.

Na manhã de 24/07/44, o mau tempo forçou o cancelamento do bombardeio aéreo, mas 300 aviões já haviam decolado conforme o plano original. O bombardeio atingiu em cheio... as posições americanas! As tropas designadas para o ataque recuaram cerca de 1.000 metros como medida de segurança, mas não foi suficiente. Ao todo, os americanos tiveram 156 baixas (25 mortos e 131 feridos). A ofensiva foi então adiada para o dia seguinte, mas, o pior é que os alemães foram alertados para a iminência de uma grande ação aliada.

A 25/07/44, mais de 1.500 bombardeiros pesados lançaram 3.300 toneladas de explosivos. Além deles, cerca de 400 bombardeiros médios e 350 caça-bombardeiros também participaram do bombardeio. A área do alvo teria cerca de 5.500 metros de largura por 2.300 metros de profundidade.



O bombardeio aéreo da “Operação Cobra”.

Porém, os mesmos erros se repetiram e mais uma vez o bombardeio aéreo atingiu as tropas americanas (sem falar na população civil), com resultados ainda mais desastrosos: só a 30ª Divisão, ponta-de-lança do ataque, sofreu 613 baixas (64 mortos, 324 feridos, 60 desaparecidos – muitos destes enterrados vivos pelas massas de terra deslocadas pelas bombas – e 164 casos de fadiga de batalha). Dois regimentos da 30ª Divisão e um batalhão da 9ª foram os mais atingidos. O total de americanos mortos nesse bombardeio foi de 111, além de 490 feridos. Entre os mortos estava o General Leslie McNair, Comandante das Forças Terrestres americanas na Europa. Ironicamente, ele se encontrava junto ao Q.G. do 2º Batalhão do 120º Regimento da 30ª Divisão para procurar observar o que dera errado na véspera. Ele foi o oficial de mais alta patente a perder a vida na guerra na Europa.

Como planejado, as artilharias divisionais, de Corpo e de Exército (50 batalhões de artilharia de todos os calibres) passaram a bombardear toda a área do alvo. A despeito de sofrerem dois devastadores bombardeios em dois dias seguidos, as unidades americanas, com um compreensível atraso, partiram para o assalto.

Se o bombardeio havia causado tamanho estrago entre os americanos, foi muito pior entre os alemães. A divisão de elite Panzer Lehr, que defendia o setor, foi virtualmente aniquilada. Pelo menos 70% das tropas em linha foram postas fora de combate – mortos, feridos, desaparecidos ou simplesmente desmoralizados e enlouquecidos. Toda a área se transformou numa superfície lunar e até as estradas ficaram intransitáveis.

Durante o restante do dia, os americanos fizeram progresso contra esparsa e descoordenada resistência, ainda que eventualmente obstinada. Ainda

assim, a operação prosseguia num ritmo lento e, ao fim do primeiro dia, parecia que uma penetração não havia ainda sido obtida.

No entanto, o comandante do 7º Corpo-de-Exército, General Joseph L. Collins, decidiu apostar que uma ruptura estava em andamento e despachou suas divisões blindadas ao amanhecer do dia 26. A ofensiva logo tomou impulso e o avanço inicial transformou-se numa grande perseguição. Os alemães a Oeste da penetração recuaram apressadamente e logo todo o flanco esquerdo alemão entrou em colapso. Violentas e confusas batalhas tiveram lugar sempre que os americanos avançando esbarravam nos alemães recuando. Por fim, Avranches foi libertada a 31/07/44 e, junto com ela, a estratégica ponte de Pontaubault, intacta. Com isso, a porta para o interior da França estava escancarada e o front alemão não poderia mais ser ancorado no mar na sua extremidade ocidental. Além disso, as forças americanas podiam agora invadir a Bretanha e capturar seus portos.

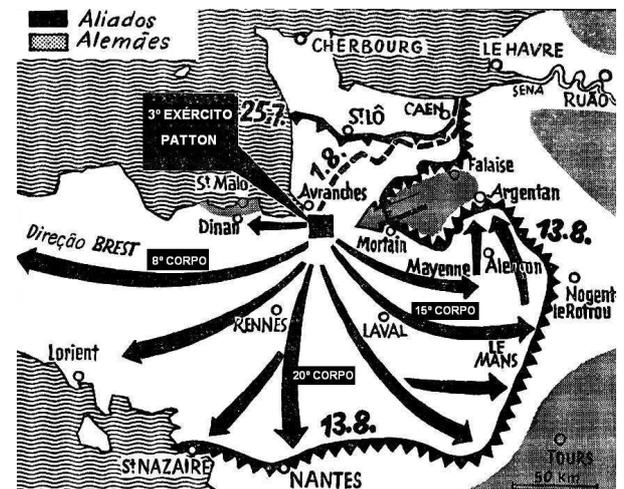
No dia seguinte (01/08/44), o 3º Exército, do General Patton, foi oficialmente ativado e assumiu o controle do setor. Patton deu um fenomenal ímpeto à campanha: em menos de 3 dias, 7 Divisões (o equivalente a 100.000 homens e 10.000 veículos) passaram através do estreito gargalo que havia sido aberto em Avranches, espalhando-se pela França. Enquanto isso, o 1º Exército americano, agora sob o comando de Hodges, girou para o Leste visando atingir o rio Sena.

A 03/08/44, os aliados mudaram seus planos: decidiram limpar a Bretanha com “um mínimo de forças” (o 8º Corpo-de-Exército, do General Troy H. Middleton), enquanto o restante do 3º Exército giraria também para o Leste. A nova intenção aliada era lançar um gancho na direção do rio Sena, visando imprensar os alemães contra o Sena entre Paris e o mar, onde praticamente todas as pontes haviam sido destruídas pela aviação aliada. Assim encurraladas, as forças alemãs poderiam ser aniquiladas e a guerra bastante encurtada.

Nesse dia, Bradley (agora no comando do 12º Grupo-de-Exércitos, mas ainda subordinado a Montgomery até que o Q.G. de Eisenhower se estabelecesse no continente) deu as ordens correspondentes a Patton. Assim, enquanto o 8º Corpo rumava para a Bretanha, a Oeste, o 20º seguia para o Loire, ao Sul e o 15º seguia na direção de Le Mans, a Leste.

O 8º Corpo-de-Exército ocupou rapidamente a Bretanha, se aproveitando de uma ordem de Hitler que enclausurava as tropas alemãs nos portos. A 07/08/44, Saint Nazaire, Saint Malô, Brest e Lorient estavam sitiadas. As FFI¹ participaram

ativamente, com cerca de 20.000 homens. Saint Malô caiu a 14/08/44 e Brest caiu a 15/09/44 (Saint Nazaire e Lorient resistiram até o fim da guerra). A 05/08/44, o 15º Corpo-de-Exército (General Wade H. Haislip) atingiu Mayenne e a 09/08/44 libertou Le Mans, um espetacular avanço de 120 quilômetros em apenas 4 dias. Já o 20º Corpo-de-Exército (General Walton H. Walker) ocupou Nantes, no rio Loire, a 06/08/44.



O espetacular avanço do 3º Exército pela França.

Para o General Montgomery, a situação provocada pela ruptura de Avranches deixava aos alemães uma única esperança de salvarem seus exércitos: um retraimento organizado em direção ao rio Sena. Ao rebater o flanco direito aliado na direção de Paris, Montgomery esperava acelerar o retraimento alemão e destruir suas forças. Ele acreditava que, para realizar isso, os alemães teriam que estabelecer uma linha a Leste do rio Orne, entre Caen e Flers, que funcionaria como um portal para a retirada de suas forças. Se as forças anglo-canadenses conseguissem avançar de Caen para o Sul, na direção de Falaise, destruiriam esse plano no nascedouro. Dessa forma, Montgomery transformaria a derrota alemã numa catástrofe, em que a retirada seria quase impossível – e, quem porventura conseguisse recuar, ficaria encurralado no Sena. Em outras palavras, quem escapasse da frigideira, cairia no fogo. Montgomery incumbiu o 1º Exército canadense (ativado a 23/07/44) da tarefa de atacar na direção de Falaise. Enquanto isso, o 2º Exército britânico manteria a pressão para Sudeste, na direção de Argentan, o 1º Exército americano continuaria pressionando para o Sul e Leste e o 3º Exército americano avançaria para o rio Sena, enquanto limpava a Bretanha.

Assim, todo o planejamento aliado se baseava no pressuposto de que não havia outra ação possível aos alemães além da retirada.

Mas havia.

¹ *Forces Françaises de l'Intérieur* = Forças Francesas do Interior, a famosa Resistência Francesa.



Feldmarschall Hans Günther von Kluge



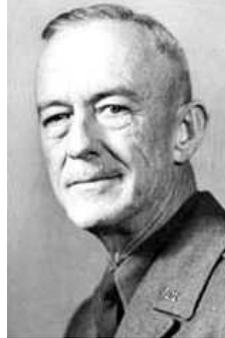
Tenente-General Omar Nelson Bradley



SS-Oberstgruppenführer Paul Hausser



General der Panzertruppe Heinrich Kurt Alfons Willy Eberbach



Tenente-General Courtney Hicks Hodges



General der Panzertruppe Hans Freiherr von Funck



Tenente-General James Lawton Collins Jr.



Generaleutnant Gerhard Graf von Schwerin



Major-General Leland Stanford Hobbs

A Operação Lüttich

A ruptura do front da Normandia significava que os alemães não poderiam mais manter-se na França, pois não havia nenhuma posição preparada em parte alguma a Oeste da Linha Siegfried, na fronteira alemã. Os alemães teriam que encarar a sombria perspectiva de combater em seu próprio solo.

Além disso, uma retirada geral da Normandia tinha tudo para se transformar num desastre militar comparável ao de Napoleão na Rússia: os alemães não tinham os meios móveis para competir com a mobilidade dos exércitos aliados e o tráfego se afunilaria nas poucas pontes que porventura existissem sobre o rio Sena, o que criaria atrasos e congestionamentos, permitindo à aviação

aliada causar uma verdadeira devastação nas colunas alemãs. Uma retirada nessas condições talvez resultasse na destruição das forças alemãs no ocidente da mesma forma que a continuação da luta na Normandia. Mais ainda, a retirada alemã acabaria com as bases de foguetes V1 na costa do Canal da Mancha, o que eliminaria uma das maiores esperanças de Hitler para forçar uma paz com os aliados ocidentais. Sem as bases francesas no Atlântico, ele não poderia retomar a iniciativa na Batalha do Atlântico, com seus novos e revolucionários submarinos Tipo XXI. Ele também precisava ganhar tempo para aprontar suas armas milagrosas, como o caça a jato, para poder alterar o rumo da guerra. Assim, a perda da Normandia levaria inevitavelmente à perda da França e, por conseguinte, da

guerra.

A única alternativa para esse terrível destino seria reconstituir a linha da Normandia, o que permitiria a manutenção de uma frente razoavelmente estática, que poderia ser mantida com reforços trazidos de outras frentes, inclusive do 15º Exército (então parado inutilmente no Passo de Calais), uma vez que a ameaça de uma nova invasão estava praticamente afastada. Mas, para conseguir isso, era necessário, antes de tudo, fechar a brecha de Avranches.

A 02/08/44, Hitler deu ordem a Kluge para que preparasse o ataque a Avranches. O General Walter Warlimont, Chefe de Estado-Maior do OKW², foi enviado ao Q.G. de Kluge para se assegurar de que essas ordens fossem cumpridas. Porém, Kluge acreditava que seria também o responsável pelo seu planejamento, mas, sem que ele soubesse, Hitler havia desenvolvido o seu próprio conceito da ofensiva, numa magnitude sequer imaginada pelo Feldmarschall.

Kluge pretendia apenas que a contra-ofensiva permitisse a ele restabelecer a situação por tempo suficiente para que ele iniciasse uma retirada em ordem para o rio Sena. Foi então planejada a “Operação Lüttich” (nome alemão da cidade belga de Liège, onde os alemães obtiveram uma grande vitória nos primeiros dias da Grande Guerra). O plano previa uma ofensiva na direção Leste-Oeste, passando por Mortain, para retomar Avranches. Com isso, seriam separados os 1º e 3º Exércitos americanos.

Na opinião de Kluge, a tomada de Mortain não seria um grande problema. De Mortain para Noroeste, uma boa estrada atravessava a região de alturas seguindo direto para Avranches. Ele ainda podia atacar para Sudoeste e desbordar as posições americanas, mas, assim procedendo, dividiria as suas forças e prolongaria seu flanco. Kluge, relutantemente, optou pela primeira solução. As consequências dessa decisão seriam funestas para os alemães.

Kluge começou a concentrar suas forças a Leste de Mortain, colocando-as sob o comando do 47º Corpo Panzer, do General Hans Freiherr von Funck. Divisões Panzers foram retiradas de suas posições diante dos anglo-canadenses e foram substituídas por recém-chegadas formações de infantaria. O primeiro escalão da força de ataque seria composto por três divisões Panzer movendo-se paralelamente: 116ª, 2ª e 2ª SS. A 116ª Divisão Panzer³, à direita, atacaria sem ter uma área de concentração prévia, avançando ao longo da margem Norte do rio Sée na direção de Chérencé, escalonando-se à direita para a proteção

do flanco Norte; o esforço principal seria realizado no centro pela 2ª Divisão Panzer, que avançaria ao Sul do rio Sée pela estrada St. Barthélemy-Reffuveille (ela seria reforçada com um batalhão de tanques da 1ª Divisão Panzer SS “Leibstandarte Adolf Hitler” (LAH) e outro da 116ª Divisão Panzer); a 2ª Divisão Panzer SS “Das Reich” (reforçada por um grupo de batalha da 17ª Divisão Panzergrenadier SS “Götz von Berlichingen”) atacaria em ambos os lados de Mortain, escalonando-se à esquerda para proteger o flanco Sul. Logo atrás dessa força, viria a 1ª Divisão Panzer SS (menos um regimento Panzergrenadier e um batalhão Panzer), que exploraria o sucesso inicial e capturaria Avranches.



Panzergrenadiere das SS em um veículo de meia-lagarta, em apoio a um Panther. As formações das Waffen-SS tinham prioridade em receber o melhor equipamento.

Kluge tinha pressa de iniciar a ofensiva, mas Hitler exigia que ele só o fizesse quando tivesse reunido “cada tanque, cada avião e cada canhão”. Numa das conversas telefônicas com o Chefe de Operações do OKW, Generaloberst Alfred Jodl, após chamar a atenção para a urgência da situação, ele recebeu como resposta: “Não se preocupe com os americanos que passaram (por Avranches)... quanto mais tiverem passado, mais peixes o senhor terá na sua rede”.

A concentração de meios que Kluge havia logrado realizar e o estado precário das defesas americanas na região davam à operação uma razoável chance de sucesso. Ele conseguiu reunir 145 Panzers IV e V, além de 32 canhões de assalto. Na verdade, isso não era muita coisa (uma única divisão blindada americana contava 263 tanques), mas esses blindados eram tripulados por veteranos de muitas campanhas e pela elite das Waffen-SS. A concentração alemã havia sido obtida com grande dificuldade, à noite, devido à constante pressão americana e à supremacia aérea aliada. Em alguns casos, as unidades tiveram que lutar para chegar à zona de concentração e algumas haviam sofrido baixas antes mesmo de começada a operação.

Por fim, Kluge decidiu que o ataque começaria na

² *Oberkommando der Wehrmacht* = Alto Comando das Forças Armadas.

³ Algumas fontes designam a 116ª Panzer como sendo das Waffen-SS, mas isso é totalmente errado.

noite de 6 para 7 de agosto, sem preparação de artilharia, no intuito de obter surpresa. A situação na noite de 06/08/44 era considerada favorável. Sabia-se que a frente era defendida apenas pela 30ª Divisão de Infantaria e elementos da 3ª Blindada. A previsão meteorológica era de neblina ao amanhecer do dia seguinte, o que protegeria as colunas alemãs da onipresente aviação aliada. No entanto, se a neblina se dissipasse ao longo do dia, a Luftwaffe estaria preparada para fornecer a cobertura aérea necessária. O General Alfred Bulwins, comandante dos caças no Oeste, visitou o Q.G. do 7º Exército a 06/08/44 para informar que 300 aviões apoiariam a força de ataque no dia seguinte.

Mas Kluge ainda tinha muitos motivos para apreensão. A pressão americana sobre a linha alemã ao Norte e Nordeste de Mortain e a rápida progressão inimiga em seu aberto flanco esquerdo estavam quase anulando as condições mínimas para a realização do ataque. A perda de Mortain fora um golpe duro, pois ameaçava as áreas de concentração das forças atacantes. A queda de Laval ameaçava as bases de suprimentos de Alençon e Le Mans. A situação, em franca deterioração, exigia que alguma ação fosse realizada o mais depressa possível. O 7º Exército não poderia assegurar indefinidamente as áreas de concentração e os comandantes alemães em geral consideravam essencial retomar a ofensiva o quanto antes.

Porém, a 06/08/44, a poucas horas do início da ofensiva, Hitler telefonou para Kluge, cobrando relatórios sobre o planejamento da ofensiva e comunicando a ele o seu plano de ação. Hitler disponibilizou a Kluge mais 60 tanques Panther, até então mantidos em reserva a Leste de Paris, e as unidades blindadas (incluindo 80 tanques Panzer IV) da 9ª Divisão Panzer, então vindo do Sul. Mais tarde, naquele mesmo dia, Hitler informou a Kluge que queria que o ataque fosse comandado por Eberbach, comandante do 5º Exército Panzer (então diante dos britânicos) e não por Funck. Com os reforços já mencionados, Hitler esperava que Eberbach continuasse seu ataque de Avranches para o Norte, visando a retaguarda americana.

Logo ficou óbvio que Kluge e Hitler viviam em planetas diferentes: Kluge estava prestes a iniciar a contra-ofensiva e Hitler ainda estava na fase de planejamento. Enquanto Kluge desejava, quando muito, conquistar Avranches, Hitler pretendia que Eberbach liderasse uma grande ofensiva, com vários Corpos Panzer, visando destruir uma grande porção da cabeça-de-praia aliada. Para atender a essa visão fantástica do Führer, seria necessário adiar o ataque por pelo menos 24 horas para permitir a chegada dos reforços prometidos. Os comandantes responsáveis, obviamente, não compartilhavam desse otimismo. Kluge relutava

em esperar, pois cada hora que passava mais profundo era o avanço de Patton em seu flanco Sul exposto, aumentando assim o perigo para a sua vulnerável retaguarda. Hausser, por sua vez, achava viável retomar Avranches, mas considerava difícil mantê-la e muito mais ainda lançar uma ofensiva a partir dela.

Além de a situação geral continuar se deteriorando, havia informes de que os aliados já estavam cientes da concentração alemã a Leste de Mortain. Com isso, podiam ser esperados ataques aéreos obliterantes na região, o que arrasaria as forças concentradas antes mesmo que se iniciasse o ataque.

Assim, Kluge conseguiu realizar o feito notável de convencer Hitler a manter o planejamento como estava e a ofensiva pôde começar. No entanto, Hitler deu instruções específicas e determinou que, quando os Panzers chegassem a Avranches, Eberbach deveria assumir o comando da operação.

Assim, os alemães estavam prestes a lançar uma ofensiva importante sem uma definição clara dos objetivos estratégicos. Todavia, Avranches era o alvo imediato e todos estavam de acordo com isso – o que já era uma grande coisa.

Mortain e a Cota 314⁴

A pequena localidade francesa de Mortain, de 1.600 habitantes, havia sido libertada no dia 04/08/44 pela 1ª Divisão de Infantaria americana. Ela fica no sopé de uma colina rochosa logo a Leste, conhecida como Roches de la Montjoie, mas, nos mapas, era denominada Cota 314, que é a extremidade Sul de uma série de elevações arborizadas na região de Sourdeval, que os turistas chamavam de "la Suisse normande" (a Suíça normanda). O bocage predomina no entorno da colina, bem como os bosques. Na colina, o solo era muito duro e o terreno rochoso dificultava a construção de trincheiras e de abrigos individuais. Mortain tinha uma encruzilhada entre duas rodovias: uma no sentido Norte-Sul e outra no Sentido Leste-Oeste – esta levava a Avranches. Havia ainda outras estradas secundárias na região, que também podiam suportar tráfego pesado. A Cota 314 proporcionava uma magnífica vista do terreno plano ao Sul e Oeste – a planície do rio Sélune – que é cortada por estradas e riachos. Até mesmo Avranches podia ser avistada em dias claros.

Controlar a Cota 314 significava controlar essas estradas. Dali, os observadores de artilharia estavam na magnífica posição de identificar alvos em qualquer direção em 360º.

⁴ Há um grande conflito a respeito da altitude dessa colina, pois várias fontes chamam-na de Cota 317. Nessa matéria, manteremos a nomenclatura Cota 314.

A “Old Hickory”

A 30ª Divisão de Infantaria era uma divisão da Guarda Nacional da Carolina do Norte, Carolina do Sul, Tennessee e Georgia. Ela foi apelidada “Old Hickory” (Velha Nogueira) em homenagem ao General Andrew Jackson, que combateu os britânicos na guerra de 1812 e depois se tornou o 7º Presidente americano.

Seu comandante era o General Leland S. Hobbs e era composta pelos 117º, 119º e 120º Regimentos de Infantaria. Ela desembarcou na Normandia a 11/06/44, na infame praia de “Omaha”, e, após 49 dias de combates contínuos, foi retirada de linha a 02/08/44. Ela recebeu quase 800 recompletamentos em seu curto período de repouso e dois de seus batalhões foram destacados para outras missões: um havia sido despachado para Barenton na noite de 06/08/44 e outro havia sido anexado à 2ª Divisão Blindada “Hell on Wheels” (“Inferno Sobre Rodas”), perto de Vire.

A 06/08/44, ela retornou ao front para substituir a 1ª Divisão de Infantaria, que estava defendendo um setor tranquilo no corredor de Avranches – a região de Mortain.

Realmente, a frente estava muito quieta. Entre os soldados da 30ª Divisão, havia um falso senso de segurança. Durante a viagem para Mortain, eles haviam sido saudados por civis franceses em toda parte, o que certamente transmitiu a impressão de que os alemães estavam muito longe. Além disso, simplesmente não havia informações fidedignas sobre a condição deles, o que era bastante natural diante da situação de ruptura e perseguição que caracterizou essa fase da campanha.

O S-2 do 7º Corpo estimava em cerca de 5.400 homens a força inimiga diante dele. Uma divisão pára-quedista e uma de infantaria haviam sido identificadas, cada uma com não mais que 1.000 homens em armas. Com isso, os alemães não poderiam enfrentar os ataques que o 7º Corpo pretendia fazer. Enquanto a 4ª Divisão de Infantaria (General Raymond O. Barton) permanecia na reserva do Corpo perto de St. Pois, a 9ª Divisão de Infantaria (General Manton S. Eddy) estava atacando para Gathemo e Sourdeval, enquanto a 30ª Divisão avançaria para Leste, na direção de Barenton e Domfront.

O 2º Batalhão do 120º Regimento guarnecia a Cota 314, enquanto o 1º Batalhão estava na Cota 285, a cerca de 3 quilômetros a Noroeste de Mortain. Um grupo formado pelo 1º Pelotão da Companhia “F” do 2º Batalhão do 120º Regimento, um pelotão da companhia antitanque regimental (canhões de 57 mm) e o 1º pelotão da Companhia “A” do 823º Batalhão de Tank Destroyers⁵ (ca-

nhões de 3 polegadas) havia estabelecido um crucial bloqueio em L'Abbaye Blanche, onde convergiam cinco estradas, logo ao Norte de Mortain. O 117º Regimento defendia a região de Saint Barthélemy, aproximadamente a 3 quilômetros ao Norte de Mortain, e o 119º Regimento estava a Noroeste da localidade, perto de Le Mesnil-Adelée.

Porém, havia indícios de que aquele setor não ficaria tranquilo por muito tempo. Patrulhas da 1ª Divisão haviam encontrado resistência cada vez mais forte e constatado a presença de blindados. A aviação aliada havia igualmente detectado concentrações de blindados alemães ao Norte e Leste de Sourdeval, que foram identificadas como sendo pertencentes à 1ª Divisão Panzer SS, 2ª e 116ª Divisões Panzer.

Bradley não havia deixado de considerar a hipótese de que os alemães atacassem o corredor de Avranches. Portanto, embora Patton prosseguisse na arremetida pela França e Hodges pressionasse ao Norte, Bradley se mantinha atento sobre os blindados alemães entre o rio Vire e Mortain. Assim sendo, como uma medida de segurança, ele manteve na área as 4ª e 35ª Divisões de Infantaria e parte da 2ª Blindada.

Por volta das 14h30min de 06/08/44, quando a 1ª Divisão já havia deixado o local, um grupo de 9 aviões Focke-Wulf Fw 190 apareceu e atacou a coluna do 3º Batalhão do 120º Regimento que seguia para Barenton para apoiar o CCA da 3ª Divisão Blindada. Foram destruídos 4 caminhões e houve 53 baixas, incluindo 5 mortos. Isto foi de molde a deixar os americanos ressabiados, pois aquele havia sido o primeiro ataque aéreo à luz do dia que eles haviam sofrido na França.

Em vista da rapidez com que os acontecimentos se sucediam, as companhias que ocuparam a Cota 314 não puderam estabelecer suas posições e seus planos de fogos, mas simplesmente adotaram os que haviam sido preparados pelos homens da 1ª Divisão. O problema era que essas disposições, tanto das posições de infantaria quanto das baterias de artilharia, destinavam-se a uma próxima retomada de ação ofensiva e não a uma ação defensiva contra um sério ataque alemão. Não havia mapas de grande escala mostrando detalhes do terreno e as unidades subalternas tiveram que se virar com mapas gastos que o pessoal da 1ª Divisão gentilmente lhes cedeu. A 30ª Divisão teve que empregar a rede telefônica deixada pelos camaradas e houve grandes dificuldades em reparar linhas que ninguém sabia por onde passavam. Além disso, a 30ª Divisão não contava com o apoio de tanques, o que limitaria drasticamente a sua capacidade de realizar contra-ataques. Os comandos da 30ª Divisão começaram a planejar os melhoramentos necessários, como a construção de casamatas e a instalação de campos minados.

⁵ Esse batalhão foi anexado à divisão a 03/07/44 e permaneceu com ela até o final da guerra.

Mas não tiveram tempo para isso. O General Hobbs assumiu a responsabilidade pelo setor de Mortain às 20h00min de 06/08/44 – apenas 4 horas antes do início da ofensiva alemã.

Por volta da meia-noite, o 7º Corpo informou a seus escalões subalternos que um ataque alemão poderia ocorrer nas imediações de Mortain nas próximas 12 horas. O aviso, porém, chegou tarde demais.

Começa o Ataque

Às 22h00min do dia 06/08/44 (hora marcada para começar a ofensiva), Funck telefonou para Hausser pedindo um adiamento. Ele argumentou que a 1ª Divisão Panzer SS ainda não havia chegado à sua área de concentração⁶ e, por essa razão, também não poderia ceder o batalhão Panzer previsto para a 2ª Divisão Panzer. Além disso, informou que o comandante da 116ª Divisão Panzer, Generalleutnant Gerhard Graf von Schwerin, estava se recusando a fornecer o batalhão de tanques que deveria apoiar a 2ª Divisão Panzer. Funck informou que aquela não era a primeira vez que o conde se recusava a cumprir ordens e pedia a sua retirada do comando.

Hausser concordou com Funck de que ambos os casos eram sérios, mas ele também tinha consciência da urgência em iniciar o ataque. Hausser consentiu num adiamento por apenas duas horas – o ataque começaria à meia-noite.

No dia 07/08/44, Hitler despachou uma ordem em que dizia: “A decisão na Batalha da França depende do sucesso do ataque. O Comandante-em-Chefe do Oeste tem uma oportunidade única, e que jamais voltará a ocorrer, de penetrar numa área inimiga extremamente exposta e, desse modo, mudar por completo a situação”.

Nos primeiros minutos de 07/08/44, começou a “Operação Lüttich”, a Ofensiva de Avranches.

A 2ª Divisão Panzer (do Generalleutnant Heinrich Freiherr von Lüttwitz), que realizaria o esforço principal no centro, marchou em duas colunas: a coluna da direita avançou ao longo da margem Sul do rio Sée, apesar de não contar com o batalhão da 116ª Divisão Panzer que havia sido prometido. Neste setor estava o 39º Regimento (9ª Divisão de Infantaria), do Tenente-Coronel Van H. Bond. O regimento havia sido separado do restante da divisão e estava atacando a partir de Chérencé para Nordeste para fazer contato com o restante da divisão, que estava atacando para Sudeste na região de Gathemo.

Pouco depois da meia-noite, um observador avançado do 26º Batalhão de Artilharia de Campa-

na, que estava apoiando o 39º Regimento, ouviu o som de lagartas (que não eram de Shermans) se dirigindo para o Oeste ao longo da estrada St. Barthélemy-Chérencé. Após se informar de que não havia tanques americanos operando na área, ele pediu fogo de artilharia. De início, a barragem foi disparada a 4.500 metros, mas logo o alcance dos canhões estava reduzido a cerca de 900 metros.

O ataque alemão pegou os americanos de surpresa e penetrou de le Mesnil-Tôve a le Mesnil-Adelée, prejudicado apenas por um campo minado. Em le Mesnil-Adelée, os alemães estabeleceram um bloqueio para deter qualquer iniciativa americana vindo de Chérencé, enquanto o corpo principal continuava para Oeste pela estrada Brécsey-St.Hilaire. Porém, logo após o amanhecer, ele foi detido a Oeste de le Mesnil-Adelée, a menos de 5 quilômetros de seu objetivo inicial.

O Coronel Bond deu ordens para estabelecer posições antitanques voltadas para o Sul e enviou uma companhia, reforçada com tank destroyers, para atacar para o Sul a partir de Chérencé para le Mesnil-Tôve, visando cortar a ponta-de-lança alemã. O ataque foi logo detido e ficou claro que as linhas de comunicação do regimento haviam sido rompidas: os três batalhões de infantaria estavam ao Norte da penetração alemã, enquanto o Q.G. regimental, a companhia de canhões, a companhia antitanque e o 26º Batalhão de Artilharia de Campanha estavam ao Sul. Uma situação muito desconfortável.

A 4ª Divisão de Infantaria, na reserva do Corpo (e destinada a um período de repouso), havia reagido por conta própria aos rumores do ataque alemão. Sua artilharia passou a bombardear os movimentos alemães ao Sul do rio Sée e o General Barton desdobrou suas tropas para emprego imediato. Pelas 05h30min, Barton pôde assegurar a Collins que os alemães não estavam se dirigindo para o Norte e, se o fizessem, a 4ª Divisão estaria pronta para recepcioná-los.

A coluna da esquerda da 2ª Divisão Panzer atrasou o início de seu ataque até a aurora do dia 7, quando o batalhão blindado da 1ª Divisão Panzer SS finalmente chegou. Ela então avançou rapidamente através de Bellefontaine, mas esbarrou em forte oposição em St. Barthélemy. Um Kampfgruppe da 1ª Divisão Panzer SS (50 tanques do 1º Regimento Panzer SS e o 2º Regimento Panzerergrenadier SS), que deveria ultrapassar a 2ª Divisão Panzer em St. Barthélemy, acabou chegando à localidade antes dela.

Na aldeia estava o 1º Batalhão do 117º Regimento, reforçado pelo 3º Pelotão da Companhia “B” do 823º Batalhão de Tank Destroyers. A visibilidade era tão ruim durante as primeiras horas que os canhões tinham que ser apontados na direção do clarão dos canhões inimigos. Dessa forma, vários tanques da vanguarda foram destruídos.

⁶ A divisão estava engajada na frente do 5º Exército Panzer e a sua substituição havia demorado mais do que o previsto. Além disso, aviões aliados haviam atacado a coluna e um deles espatifou-se sobre o tanque da vanguarda, paralisando toda a coluna.

Os alemães cercaram o Q.G. do batalhão e ameaçaram o PC regimental. Uma patrulha de 5 homens foi enviada para checar as posições de defesa do PC regimental e subitamente se viu diante de um grupo de 50 alemães. A patrulha teve que sustentar o combate por uma hora até a chegada de reforços e então os alemães se retiraram. Pouco depois das 15h00min, dois tanques alemães chegaram a cerca de 250 metros do PC regimental, um dos quais foi destruído por um tiro de bazuca operada pelo telefonista. O Coronel Walter M. Johnson, comandante do 117º Regimento, compreendeu que a sua retirada teria um efeito adverso no moral de suas tropas e decidiu permanecer ali, de onde continuou dirigindo a batalha, embora estivesse praticamente cercado. Com a chegada do 2º Regimento Panzergrenadier (2ª Divisão Panzer), um ataque bem coordenado foi desfechado. Por volta das 06h15min, após uma pesada concentração de artilharia de 75 minutos, tanques e panzergrenadiere partiram para o assalto vindos do Norte, Leste e Sul. As posições dos defensores foram esmagadas e os alemães tomaram posse da localidade pelas 12h00min. Os americanos tiveram que se retirar para Oeste, embora alguns focos de resistência se mantivessem em St. Barthélemy. Os canhões foram guarnecidos pelo mínimo de homens, sendo os demais usados como infantaria. Os americanos continuaram realizando ações de retaguarda à medida que os alemães forçavam o caminho para Oeste. O avanço alemão prosseguiu até quase chegar a Juvigny, quando foi afinal detido pela chegada de elementos da 3ª Divisão Blindada. St. Barthélemy havia sido tomada, mas os alemães não foram capazes de obter nenhum ganho significativo devido à obstinada resistência americana, que negou aos alemães cerca de 6 horas de nevoeiro que teriam permitido a eles avançar por quilômetros sem serem molestados pela aviação aliada.



Panther da 1ª Divisão Panzer SS destruído próximo a Juvigny.

A 2ª Divisão Panzer havia progredido cerca de 10 quilômetros, mas foi detida a 3 quilômetros de seu objetivo inicial. Funck então empenhou a 1ª Divisão Panzer SS no setor da 2ª Panzer pelo meio da manhã, esperando pelo menos capturar Juvigny. Às 15h20min, porém, a Leibstandarte informou que a aviação aliada havia obliterado

dois quilômetros de estrada a Leste de Juvigny. O ataque ali estava paralisado.

A 2ª Divisão Panzer SS, do Brigadeführer Otto Baum, também avançou em duas colunas, uma das quais tinha como ponta-de-lança o 4º Regimento Panzergrenadier SS "Deutschland". Por volta de 01h30min, os alemães se infiltraram nas linhas da infantaria e penetraram em Mortain pelo Sudoeste, isolando o 3º Pelotão da Companhia "A" do 823º Batalhão de Tank Destroyers. Todavia, eles foram repelidos pelo fogo de metralhadoras .50 montadas em meia-lagartas.

Por volta das 02h30min, as tropas atacantes haviam superado alguns bloqueios de estrada e dispersado as tropas do 120º Regimento. Uma nova tentativa foi bem-sucedida e os alemães conseguiram entrar em Mortain. O Tenente Elmer L. Miller, o comandante do pelotão de Tank Destroyers, podia ter se retirado, já que não havia tanques envolvidos na ação. Porém, sabendo o quanto as forças americanas estavam espalhadas e que não havia reservas imediatamente disponíveis, decidiu lutar, o que fez até ser capturado.

O fogo concentrado de armas leves impediu o uso dos canhões de 3 polegadas. Os homens tiveram que se dividir em pequenos grupos para tentar escapar (apenas dezesseis homens conseguiram atingir as linhas do 1º Pelotão, enquanto outros nove chegaram à Cota 314).

Os tanques do 2º Regimento Panzer SS "Das Reich" seguiam atrás do 4º Regimento SS, com a missão de explorar qualquer ruptura que fosse obtida. O objetivo final era a ponte de Pontaubalt, a cerca de 35 quilômetros a Oeste.

Durante a manhã, elementos do 4º Regimento SS emboscaram o pelotão de reconhecimento do 120º Regimento em Romagny, a Sudoeste de Mortain. Depois de duas horas de luta, os alemães mataram ou capturaram todos os americanos, com exceção de dois soldados que conseguiram escapar.

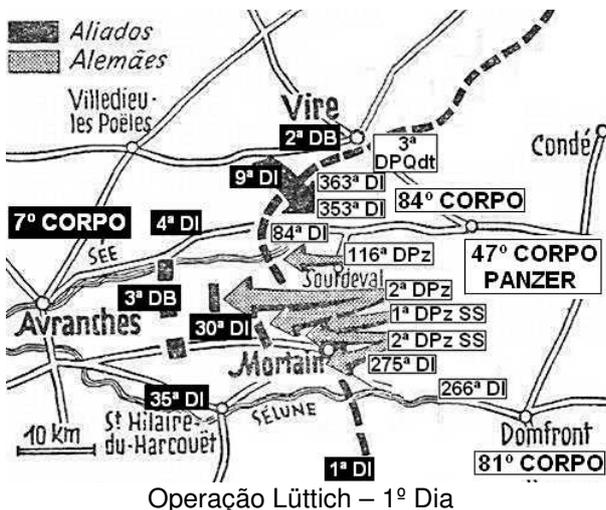
A outra coluna era a do 3º Regimento Panzergrenadier SS "Der Führer". Ela havia sido atrasada num engarrafamento causado por uma coluna do "Leibstandarte" num cruzamento a Nordeste de Mortain. Por volta das 04h30min, o seu 3º Batalhão, com o apoio de 4 Sturmgeschütz, se aproximou de L'Abbaye Blanche.

Os americanos no bloqueio de L'Abbaye Blanche tinham a visibilidade muito prejudicada pela neblina matinal (era inferior a 100 metros), mas ficaram em alerta tentando adivinhar o que significava o som dos canhões que vinham do Sul e do Leste. Então, a coluna do 3º Regimento SS apareceu lentamente subindo a ladeira na estrada para St Barthélemy. Os canhões de 3 polegadas bem camuflados abriram fogo. Em poucos minutos, 9 veículos foram destruídos, incluindo 2 Sturmgeschütz e 6 Sdkfz 251. Muitos dos panzergrenadiere que sobreviveram foram alvejados

pelas metralhadoras. Os alemães tentaram flanquear a posição várias vezes, mas se depararam sempre com um furioso fogo de armas leves. O bloqueio manteve-se até o fim da batalha e foi creditado com a destruição de mais de 40 veículos inimigos (incluindo blindados) e pela morte de cerca de 200 panzergrenadieren nos 5 dias da batalha.

Nessa noite, elementos do 2º Batalhão⁷ do 117º Regimento e do 629º Batalhão de Tank Destroyers (equipado com M10), lançaram um ataque contra as posições do 3º Regimento SS logo ao Sul de L'Abbaye Blanche, mas foram repelidos, sofrendo cerca de 80 baixas.

Na extrema esquerda alemã, por volta das 04h30min, elementos da 2ª Divisão Panzer SS, apoiados por 6 tanques, penetraram através das posições do 4º Esquadrão de Cavalaria Mecanizada, então anexado à 1ª Divisão de Infantaria, a sudeste de Barenton. A ação não teve maiores consequências e a cavalaria retirou-se e estabeleceu novas posições alguns quilômetros atrás.



Operação Lüttich – 1º Dia

O Coronel Hammond D. Birks, comandante do 120º Regimento, enviou a sua reserva, a Companhia "C", com a missão de expulsar os alemães de Mortain e restabelecer o bloqueio da estrada ao Sul, mas logo ficou evidente que a companhia não podia realizar essa missão. Ao amanhecer, Mortain fervilhava de alemães, com blindados inclusive.

Por volta das 10h00min, Mortain havia caído após curto, mas feroz, combate com a Companhia "C". Focos de resistência continuaram na localidade pelo restante da tarde e um pelotão conseguiu alcançar a Cota 314. Enquanto isso, o 3º Regimento SS esmagava um pelotão da companhia antitanque do 120º Regimento, bem como o pelotão de Q.G. da Companhia "F".

⁷ De fato, o batalhão estava apenas com efetivo de companhia, pois as outras duas de suas companhias de fuzileiros haviam sido destacadas.

A Cota 314 estava assim completamente isolada. Os alemães prosseguiram na direção da Cota 285, a Noroeste da cidade, e de St. Hilaire, a Sudoeste.

A Cota 285 era defendida pelas Companhias "A" e "B" do 1º Batalhão do 120º Regimento, reforçadas pelo 2º Pelotão da Companhia "A" do onipresente 823º Batalhão de Tank Destroyers. O "Kampfgruppe Ullrich", composto de um batalhão de infantaria da 17ª Divisão Panzergrenadier SS e de um pelotão de Panzer IV do 2º Regimento Panzer SS, fez contato com os americanos por volta das 05h00min. Os canhões camuflados logo destruíram 3 tanques (além de outro destruído por fogo de bazuca), 2 Sturmgeschütz e 1 carro blindado. Lamentavelmente, a posição americana foi metralhada por aviões britânicos (tendo 1 morto) e foi alvo do nefasto "fogo amigo". O Tenente Francis J. Connors, comandante do 2º Pelotão de Tank Destroyers, diria mais tarde que eles "não tinham nenhum amigo no mundo nesse dia".

Pelo meio-dia, a 2ª Divisão Panzer SS havia estabelecido posições em Romagny, a meio caminho entre Mortain e St. Hilaire, protegendo assim o flanco Sul da ofensiva. Elementos do 120º Regimento tentaram recapturar Romagny e cortar as estradas que demandam o Sudoeste, mas os alemães não estavam dispostos a ceder terreno.

Um pequeno grupo de panzergrenadieren do 4º Regimento SS, apoiado por dois Panzer IV, atacou a bateria "C" do 197º Batalhão de Artilharia de Campanha pouco depois de Romagny ter sido tomada. Os americanos se recuperaram rapidamente da surpresa e conseguiram manter a infantaria alemã em xeque por várias horas. Um mecânico de caminhões americano conseguiu destruir um dos Panzer IV com uma bazuca, matando dois de seus tripulantes. Os alemães sofreram outras 6 baixas, enquanto os americanos tiveram apenas 1 morto e alguns feridos.

Pesado fogo de artilharia e morteiros caiu sobre as posições alemãs e alguns homens da "Das Reich" se dispersaram em algumas casas de Mortain. Alguém, talvez tentando relaxar a tensão, começou a tocar uma gaita. Logo, os alemães estavam cantando "Oh, the Beautiful Rhine". Um soldado americano, também buscando abrigo do bombardeio, ouviu a cantoria e entrou na casa. Durante um momento de surpresa mútua, os alemães encararam o americano, que apenas balançou a cabeça e disse: "A guerra é uma coisa divertida". Os alemães e seu distraído prisioneiro saíram ilesos do bombardeio.

No centro do dispositivo da "Das Reich" estava o "Kampfgruppe Fick", composto por elementos da 17ª Divisão Panzergrenadier SS, com a missão de capturar a Cota 314.

Ao Norte, a 116ª Divisão Panzer não fez a parte que lhe cabia no plano e, por conseguinte, o flanco Norte ao longo do rio Sée estava totalmente

aberto. Seu comandante, von Schwerin, concluiu que não possuía os meios necessários para realizar a missão, se recusou mesquinamente a ceder um batalhão blindado para a 2ª Divisão Panzer e se concentrou em manter a sua frente diante do 1º Exército americano.

Schwerin não confiava que a 84ª Divisão de Infantaria, que estava substituindo a sua divisão em linha, pudesse manter a posição contra a crescente pressão americana em Gathemo e Chérencé. Dessa forma, temendo acabar cercado e sentindo que era necessário manter a sua divisão onde estava, ele não forneceu o batalhão previsto para a 2ª Divisão Panzer nem lançou o seu ataque. Aparentemente, Schwerin havia perdido a esperança na vitória. Envolvido na conspiração contra Hitler, ele seria um dos oficiais que negociariam um armistício com os aliados ocidentais. De qualquer forma, se foram os fatores táticos ou políticos que exerceram maior influência em sua decisão, permanece o fato de que isso não passou de um evidente caso de insubordinação. Portanto, às 16h00min de 07/08/44, Hausser e Funck retiraram Schwerin do comando da divisão e substituíram-no pelo chefe de Estado-Maior de Funck, Coronel Walter Reinhard. Meia hora depois, a 116ª finalmente partiu para o ataque, mas, como o fator surpresa havia evaporado, ela não conseguiu nenhum progresso.

Para os americanos que estavam enfrentando a ofensiva alemã, não havia nenhum indício de que os alemães estivessem em dificuldades. A 30ª Divisão, que havia suportado o maior peso da ofensiva, estava enfrentando sozinha 3 divisões Panzer, duas das quais das Waffen-SS. Apesar disso, o comando da 30ª Divisão só informou que estava sob ataque às 03h15min, quando os alemães já estavam em Mortain e haviam atingido um ponto perto de le Mesnil-Tôve, 6 quilômetros além de St. Barthélemy. Além disso, o Q.G. do 1º Exército julgou por algum tempo que a ofensiva não passava de um ataque local.

A 30ª Divisão perdeu mais de 600 homens e muito equipamento no primeiro dia da batalha. O 823º Batalhão de Tank Destroyers perdeu 11 canhões AT de 3 polegadas, com seus respectivos tratores de artilharia, teve 3 mortos, 13 feridos e 91 desaparecidos. O comandante do batalhão escreveu: "Tivemos muitos heróis hoje, vivos e mortos". Em contrapartida, o batalhão havia destruído 14 tanques, 2 caminhões, 3 veículos de transporte de lagarta, 1 meia-lagarta, 2 motocicletas, 1 carro de Estado-Maior e um ninho de metralhadora. Nesse memorável confronto, o 823º Batalhão registrou um novo recorde de tanques destruídos no US Army em um único dia de ação, bem como do número de veículos inimigos destruídos.

Após o choque inicial, as tropas americanas se mantiveram firmes. O maior problema, de fato,

era o estado de desorganização e isolamento das pequenas unidades. Vários postos de comando de batalhão e um regimental foram cercados. Alguns batalhões foram isolados e algumas companhias foram destruídas. As comunicações eram precárias, pois os fios telefônicos haviam sido cortados e as comunicações via rádio eram inconstantes. Estafetas eram vulneráveis a franco-atiradores e grupos de infiltração alemães, que também ameaçavam os próprios postos de comando. Esse estado de coisas fez com que toda a batalha dependesse primordialmente dos líderes de baixo escalão, tenentes e sargentos.

Mas o elemento mais dramático de toda a batalha foi o cerco à Cota 314, que, ao ser decididamente mantida pelos americanos, negou aos alemães o acidente geográfico capital da região e condenou a ofensiva ao fracasso e o Exército alemão na França à destruição.

Luta Desesperada na Cota 314

Na Cota 314, completamente isolados, os homens encaravam seu destino.

O 2º Batalhão do 120º Regimento (Tenente-Coronel Eads G. Hardaway), responsável pela defesa da Cota 314, havia distribuído a Companhia "F" pelas três vias de acesso ao seu setor, estabelecendo bloqueios de estrada, armados com canhões antitanques. Dois deles, porém, foram superados rapidamente, enquanto o terceiro (em L'Abbaye Blanche) permaneceu firme.

Por volta de 01h00min, pequenos grupos de alemães se infiltraram nas posições do batalhão. Eles realizaram cargas aos gritos de "Heil, Hitler!" e causaram tamanha confusão no setor da Companhia "G" (Tenente Ronal E. Woody) que os americanos acreditaram que estavam sendo atacados por um batalhão inteiro. Pela manhã, porém, os alemães gritadores foram caçados e eliminados.

Com a aurora chegou uma forte cerração (de fato, ela era tão densa que houve quem pensasse que os alemães estavam lançando uma cortina de fumaça). Pelas 08h00min, a visibilidade já havia melhorado e os americanos então puderam ver colunas de blindados e de infantaria a pé se dirigindo na sua direção.

No entanto, e incompreensivelmente, os alemães que marchavam ignoravam que a Cota 314 estava em mãos americanas (ou simplesmente decidiram desbordá-la).

Esse era o tipo de alvo que era um verdadeiro sonho para os artilheiros. Dois observadores do 230º Batalhão de Artilharia de Campanha, Tenentes Robert L. Weiss e Charles A. Bartz, que estavam na Cota 314, chamaram a sua artilharia, que por sua vez desencadeou um pandemônio nas cerradas fileiras germânicas. As baixas foram pesadas e vários veículos foram destruídos – os

que ainda podiam rapidamente se dispersaram. Outras concentrações foram observadas e receberam igual tratamento dos atarefados artilheiros. Agora era óbvio aos alemães que a Cota 314 não podia simplesmente ser desbordada. Por volta das 10h00min, os germânicos jogaram tudo e mais a pia da cozinha em cima das posições americanas na Cota 314: artilharia de todos os calibres e fogo de morteiros. As companhias "E" (Tenente Ralph A. Kerley) e "K" (Tenente Joseph C. Reaser) receberam o pior do bombardeio e pouco depois grupos de soldados alemães, com blindados em apoio, partiram para o assalto. Mais uma vez, a artilharia americana foi acionada e esmagou o ataque germânico. Ainda assim, os alemães conseguiram penetrar no setor da Companhia "E" e um feroz combate resultou na expulsão dos atacantes e no restabelecimento das linhas.



Posto de observação de artilharia perto de Barenton, 09/08/44. Pode-se ver a fumaça de um bombardeio à esquerda.

Durante todo esse tempo, o 2º Batalhão atuou sem seu comando, que estava em Mortain. Com o início do ataque e a chegada dos alemães, todo o Estado-Maior do batalhão retirou-se e tentou reunir-se às suas tropas na Cota 314. No entanto, o grupo acabou sendo encontrado pelos alemães no dia seguinte e todo ele (comandante, oficial executivo – Major Gardner M. Simes – S-2, S-3 e cerca de 15 homens da companhia de Q.G., além do capelão – Capitão Teilman J. Gunnar Jr.) tornou-se prisioneiro de guerra.

Assim, na falta de qualquer comunicação com o Q.G. do batalhão e ignorando o que ocorrera, o comandante da Companhia "F", Capitão Reynold Erichson, o oficial mais antigo no local, assumiu o comando geral na Cota 314, mas os comandantes das companhias estabeleceram pontos fortes em suas posições e passaram a atuar mais ou

menos de modo autônomo.

Por volta das 14h00min, os alemães tentaram tomar a Cota 314 vindo do Oeste. A Companhia "G" repeliu o ataque, mas pagando um alto preço. Toda a batalha se caracterizou pela ação de pequenas unidades em selvagens combates corpo-a-corpo, com infiltrações, emboscadas e extraordinárias demonstrações de bravura individual.

Termina o Primeiro Dia

Ao invés de um maciço e bem coordenado ataque, os alemães haviam realizado um ataque heterogêneo. Somente três das seis colunas previstas (as duas da 2ª SS e uma da 2ª) partiram para o ataque no horário determinado. Ganhos significativos haviam sido obtidos, principalmente pelo efeito da surpresa, e as tropas mecanizadas haviam avançado rapidamente cerca de 10 quilômetros. Mas, em pouco tempo, ficou óbvio que o ataque não iria muito mais longe.

A limitada rede de estradas, a falta de espaço para manobra e a crescente resistência americana em terra e no ar acabaram com qualquer esperança de um avanço rápido. Como a 2ª Divisão Panzer e a 1ª Divisão Panzer SS haviam atacado em frentes muito estreitas, suas pontas-de-lança encontravam-se em posições muito vulneráveis em le Mesnil-Adelée e a Leste de Juvigny.

De uma estimativa de 70 tanques que teriam penetrado nas linhas americanas, somente 30 ainda estavam em operação ao fim do dia (e esse número seria reduzido na manhã seguinte para 25). Com as perdas de panzers aumentando assustadoramente, Funck suspendeu o ataque pelo meio-dia e mandou as suas tropas passarem para a defensiva (o que, aliás, elas já haviam feito).

Kluge concluiu que a ofensiva havia fracassado. Seu julgamento era influenciado tanto pela falta de progresso do ataque em si, quanto pela evolução da situação nos flancos. A pressão americana não havia cessado com o ataque e, na verdade, estava sendo renovado em Gathemo e Barenton, o que ameaçava as pontas-de-lança do 47º Corpo Panzer de cerco e destruição.

Para piorar as coisas, na tarde desse mesmo dia, Eberbach solicitou reforços: ele temia que sua linha enfraquecida diante de Falaise fosse rompida. Kluge então transferiu a 331ª Divisão (que ainda não havia chegado) para o 5º Exército Panzer e começou a considerar a necessidade de enviar unidades do 7º Exército para ele. Começou mesmo a cogitar a possibilidade de uma retirada geral.

Mas o Führer tinha outros planos.

Pelo fim da tarde, Hitler concluiu que Kluge havia cometido um grave erro ao empenhar a 1ª Divisão Panzer SS ao Norte de Mortain, ao invés de usá-la para reforçar o êxito da 2ª Divisão Panzer SS a Sudoeste, na direção de St. Hilaire. Ele

também concluiu que o ataque havia sido prematuro e mal elaborado, como ele temia. Se Kluge tivesse aguardado a chegada da 9ª SS, da 10ª SS e da 9ª Panzer para realizar um esforço muito mais potente, Hitler sentia que o ataque obteria melhores resultados.

Ele decidiu então não mais confiar plenamente em Kluge, passando a interferir mais diretamente nas operações.

Contudo, acreditando que a situação ainda oferecia oportunidades para cortar o corredor de Avranches e destruir a cabeça-de-praia aliada, Hitler ordenou que o novo ataque fosse "audacioso e arrojado até o mar, desprezando todos os riscos". Ele ainda exortava: "A maior bravura, determinação e imaginação devem ser permitidas a todos os escalões de comando. Cada um e todos os homens têm que acreditar na vitória. A limpeza das áreas de retaguarda e na Bretanha podem ser adiadas". Ele determinou ainda que, independente dos riscos, o 2º Corpo Panzer SS (9ª e 10ª Divisões Panzer SS, mais uma divisão, que seria a 12ª SS ou a 21ª Divisão Panzer) devia ser retirado de linha na frente do 5º Exército Panzer e empenhado no ataque a Avranches.

Quando Kluge recebeu a nova ordem de Hitler de enfraquecer a frente do 5º Exército Panzer e manter a ofensiva contra Avranches, ele entrou em contato com Eberbach e lhe deu as más notícias: não só ele não receberia reforço algum, mas ainda perderia pelo menos duas divisões Panzer. Ele disse a Eberbach: "Eu prevejo que o fracasso do ataque pode levar ao colapso de toda a frente da Normandia, mas a ordem é tão inequívoca que eu tenho que obedecer".

Transmitindo as ordens de Hitler a Hausser, Kluge informou a ele que as 10ª e 12ª Divisões Panzer SS chegariam ao setor do 7º Exército no dia 8 e que elas deveriam ser imediatamente empenhadas no ataque a Avranches sob o comando do 58º Corpo Panzer, que havia acabado de chegar do Sul da França. Assim que as novas tropas chegassem, o 7º Exército iria continuar o ataque sem se preocupar com os flancos Norte e Sul. Até o novo ataque estar pronto, as posições atingidas teriam que ser mantidas. Os últimos elementos da 1ª Divisão Panzer SS (incluindo 25 Sturmgeschütz) foram também disponibilizados.

Hausser, por sua vez, também admitiu o fracasso do ataque já no dia 7. Ele apontou como causas a superioridade aérea aliada, a imobilidade da 116ª Divisão Panzer e a resistência americana, mais forte que a esperada. Embora as forças adicionais aumentassem as possibilidades de atingir realmente Avranches, as ameaças aos seus flancos aumentavam na mesma proporção e poderiam culminar num completo desastre.

Mas Hitler sentia que o desenrolar de toda a guerra dependia dessa ofensiva e, portanto, tudo se resumia a um ataque desesperado, um verdadei-

ro "tudo ou nada".

Do lado aliado, os comandantes americanos se recuperaram rapidamente do choque inicial e reagiram com a energia necessária.

Na aurora de 07/08/44, os generais Hodges e Collins estavam perfeitamente cômicos do fato de que o ataque alemão era sério e que ameaçava o 7º Corpo, bem como todas as forças aliadas ao Sul do rio Sélune. Pelo meio-dia, os oficiais de informações americanos estimavam a força que penetrara as linhas americanas em 5 batalhões de infantaria, 4 de artilharia e 2 ou 3 de tanques. Não somente a 30ª Divisão estava sob ameaça premente de aniquilamento, como o estreito corredor de Avranches estava seriamente ameaçado. Não havia mais dúvida de que os alemães haviam lançado um autêntico esforço no sentido de separar o 1º do 3º Exército, o que criaria as condições para um monumental desastre militar americano.



Equipe de bazuca em ação na Normandia. O terreno fechado dos bocages fazia com que os blindados fossem particularmente vulneráveis a armas antitanques de infantaria.

Bradley então liberou para Collins a 35ª Divisão de Infantaria (do General Paul W. Baade). A divisão, que originalmente seria levada para Rennes para participar da arremetida de Patton pela França, foi detida em Saint Hilaire du Harcouet na noite de 05-06/08/44.

Mantida ali, ela foi transferida para o 7º Corpo para ser empenhada em deter a ofensiva alemã. Nessa mesma noite, a Luftwaffe bombardeou St. Hilaire e os comboios da divisão foram atingidos. O General Baade ordenou aos 134º e 137º Regimentos que marchassem para o Leste imediatamente. Eles deveriam avançar para a linha definida pela rodovia Mortain-Barenton-Saint Cyr du Baileu. Às 20h30min de 07/08/44, eles iniciaram a marcha e asseguraram a rodovia ainda nesse dia, mas os alemães estavam firmemente estabelecidos nas elevações ao Norte e Leste de Barenton e na floresta de Mortain. Pior do que isso, os ale-

mães estavam tentando avançar para o Oeste e o Sul. Uma força de cerca de 700 homens com tanques avançou através da floresta de Mortain para tentar cortar a estrada St. Hilaire-Louvigne du Desert, mas foi detida.

O General Hodges, por sua vez, manteve o seu 1º Exército exercendo forte pressão sobre os alemães, enquanto o General Collins, em cujo setor se materializara o ataque alemão, tomou algumas decisões vitais.

Collins anexou à 30ª Divisão o CCB da 3ª Blindada e o 12º Regimento⁸ (4ª Divisão de Infantaria) e anexou o 39º Regimento à 4ª de Infantaria.

A 2ª Divisão Blindada (General E. H. Brooks) havia deixado o setor do 19º Corpo pouco depois da meia-noite de 06/08/44, com o objetivo de acompanhar a 1ª Divisão de Infantaria em seu avanço na direção de Alençon. Porém, à medida que a cabeça da coluna se aproximava de Chérencé na manhã do dia 7, ela começou a ser alvo de fogo de artilharia numa travessia do rio Sée. A coluna teve que parar e logo auxiliou o 39º Regimento a se estabelecer no rio Sée. Collins então desviou a 2ª Blindada (menos o CCA), para Barenton, visando atacar o flanco esquerdo alemão, fechando assim a brecha a Sudoeste de Mortain. Nessa mesma noite, a divisão ocupou posições perto de Barenton e o General Brooks assumiu o controle de todas as tropas na área, incluindo o CCA da 3ª Blindada e os elementos da 30ª Divisão no local.

Hobbs, por sua vez, tinha 3 grandes problemas: eliminar a penetração a Noroeste de Mortain, impedir o avanço alemão para Sudoeste e recapturar Mortain, restabelecendo contato com o batalhão que ficara cercado na Cota 314.

A necessidade mais urgente de deter o ataque alemão a Noroeste de Mortain fez com que Hobbs empenhasse ali o CCB da 3ª Blindada, mantendo a brecha a sudoeste agourentamente aberta (e a única coisa que Hobbs podia fazer era torcer para que a 35ª Divisão chegasse logo). O que Hobbs não sabia era que Kluge havia renunciado a atacar por ali ainda na fase de planejamento da operação.

Hobbs ordenou ao Coronel Truman E. Boudinot, comandante do CCB da 3ª Divisão Blindada, que atacasse para Nordeste a partir de Reffuveille e ao Coronel Edwin M. Sutherland, comandante do 119º Regimento, que atacasse para Noroeste a partir de Juvigny, ambos os ataques convergindo para le Mesnil-Adelée. Ordenou também ao Coronel Walter M. Johnson, comandante do 117º Regimento, que investisse Saint Barthélemy e

⁸ Aparentemente, Hobbs não havia compreendido totalmente a extensão da ofensiva alemã e disse que não achava ser necessário receber esse regimento, pois "as coisas estavam indo bem". Surpreso, Collins decidiu entregar o regimento mesmo assim.

então se voltasse para Noroeste para le Mesnil-Tôve. Os dois regimentos de infantaria e o Comando de Combate, coordenando as suas ações, estabeleceram um front contínuo no mesmo dia e começaram a atacar na direção do rio Sée. Ao mesmo tempo, o 8º Regimento (4ª Divisão) atacou do Norte, pressionando ainda mais os alemães.

Dessa forma, menos de 24 horas depois que os alemães começaram a sua ofensiva, o 7º Corpo passou a ter sob o seu comando 5 divisões de infantaria e 2 blindadas.

Certamente, as circunstâncias haviam sido muito favoráveis aos americanos. A decisão alemã de fazer o esforço principal ao Norte de Mortain ao invés de ao Sul foi fundamental. A 4ª Divisão de Infantaria estava no lugar certo para hostilizar o flanco Norte da penetração alemã. O CCB da 3ª Divisão Blindada, que por acaso encontrava-se próximo a Reffuveille, estava a poucos quilômetros do ponto extremo da penetração alemã, apto a enfrentar sua ponta-de-lança imediatamente. O surgimento acidental da 2ª Divisão Blindada perto de Chérencé aliviou a situação do 39º Regimento. A localização da 35ª Divisão também foi um golpe de sorte. O imprevisível fator climático também foi favorável aos aliados.



Obuseiro de 105 mm em ação na França. A ação da artilharia americana foi determinante no desenrolar da batalha.

A artilharia americana havia respondido ao ataque com um verdadeiro esbanjamento de munição, atuando segundo a premissa de que é melhor desperdiçar granadas que errar o alvo. A artilharia da 4ª Divisão de Infantaria e as peças antitanques localizadas ao Norte e ao Sul do rio Sée estrangularam os pontos de passagem da 2ª Panzer e da 1ª Panzer SS de tal forma que a movimentação dos alemães à luz do dia tornou-se impossível. A artilharia americana também martelou insistentemente a frente da "Das Reich", com ênfase especial próximo a Romagny. Também a aviação aliada teve uma atuação de

destaque na batalha. A 04/08/44, os informes da Ultra davam conta de que os alemães tencionavam atacar na região de Mortain. Com essa informação, Bradley foi capaz de garantir o apoio aéreo da 9ª Força Aérea americana e até da RAF.

Logo após o amanhecer, a neblina se dissipou, para desespero dos alemães. O tempo foi excelente ao longo do dia, o que permitiu aos aviões de observação apontar alvos para a artilharia e aos caça-bombardeiros enxamear os céus. Além dos P-47 Thunderbolt da 9ª Força Aérea (que realizaram 320 surtidas nesse dia), nada menos que 10 esquadrões da 2ª Força Aérea Tática da RAF operaram na região, realizando 294 surtidas na área da batalha. No terreno aberto a Leste de Mortain, os tanques alemães se tornaram extremamente expostos, especialmente para os caças britânicos Hawker Typhoon equipados com foguetes. As forças blindadas alemãs sofreram baixas severas⁹ durante o primeiro dia da batalha pela aviação aliada, o que prejudicou significativamente a ofensiva alemã.



Hawker Typhoon, com os mortíferos lança-foguetes sob as asas.

Mas a presença da aviação aliada não resultou apenas na destruição material: o moral alemão também foi duramente afetado. O terror que os soldados alemães tinham dos ataques aéreos era de tal ordem que 14 veículos (incluindo 7 tanques) foram depois encontrados intactos, simplesmente abandonados por suas tripulações. Assim que a neblina se dissipou, as tropas (que já então eram veteranas na Normandia) sabiam o que esperar da aviação aliada e então começaram a se entrincheirar, puseram seus veículos para fora das estradas e os camuflaram, mesmo sem ordens, o que praticamente parou a ofensiva. A Luftwaffe, por outro lado, não pôde cumprir a promessa feita. As unidades de caça alemãs foram interceptadas logo após a decolagem e

⁹ Os pilotos britânicos alegaram a destruição de 90 blindados e 56 veículos de transporte, além de outros tantos danificados, mas esses números são flagrantemente exagerados.

nem um único avião com suásticas sobrevoou a região de Mortain no dia 7.

Por fim, muito do sucesso da artilharia e da aviação aliadas se deveu ao fato de que os alemães foram bloqueados em seu caminho pela obstinada resistência da infantaria e, assim imobilizados, tornaram-se alvos fáceis.

Uma Ousada Decisão

A 08/08/44, foi tomada uma das mais importantes decisões da campanha de libertação da Europa. Nesse dia, o General Eisenhower visitou o Q.G. de Bradley. A Batalha de Mortain estava então em pleno andamento. Eisenhower e Bradley conversaram sobre ela e logo concordaram que os alemães simplesmente haviam enfiado a cabeça numa guilhotina. Se o 3º Exército americano inflectisse para o Norte a partir de Le Mans e, simultaneamente, as forças anglo-canadenses do 21º Grupo-de-Exércitos avançassem para o Sul, encontrando-se na linha divisória dos Grupos-de-Exércitos (mais ou menos numa linha Leste-Oeste passando por Sées), seria formado um grande bolsão, no qual estariam presos os exércitos alemães que lutavam na Normandia.

Pelas interceptações da Ultra, os comandantes aliados sabiam que os alemães não recuariam após o fiasco do primeiro dia da batalha. Assim, eles estavam cientes de que os alemães continuariam a atacar naquela região, contrariando toda a lógica militar, permanecendo assim no fundo do saco que estava sendo formado. Mortain, que seria mantida com o mínimo de tropas possível, serviria de dobradiça nessa manobra.

Mas havia um sério risco nesse plano: se a 30ª Divisão não conseguisse resistir e o corredor fosse cortado, as tropas de Patton teriam que fazer meia volta para reabri-lo e isso seria uma calamidade militar. A questão básica era se os aliados podiam permitir-se ao risco de liberar divisões ainda em reserva para enfrentar a ofensiva alemã em Mortain para reforçar a arremetida de Patton.

Os dois analisaram as possibilidades e os riscos. Finalmente, Eisenhower apresentou um argumento decisivo: a possibilidade de ressuprimento aéreo. Mesmo que a linha de comunicações fosse cortada, ainda seria possível transportar pelo ar 2.000 toneladas de suprimentos por dia às unidades avançadas.

Isto era o suficiente. Eisenhower escreveria depois: “Quando assegurei a Bradley que mesmo diante de uma temporária vitória alemã disporia deste apoio logístico, ele sem hesitar ordenou que se mantivesse em Mortain apenas um mínimo de forças e fossem lançadas outras a Sudeste, a fim de iniciar o envolvimento das forças alemãs”.

Bradley então telefonou para o Q.G. do 21º Gru-

po-de-Exércitos e explicou seu ousado plano a Montgomery. Este, após alguma hesitação, concordou. Com um aceno de cabeça, "Ike" aceitou a responsabilidade pela decisão.

Esse episódio é significativo, não só devido aos seus profundos reflexos no desenrolar dos acontecimentos, mas também porque demonstra a informalidade e rapidez com que muitas decisões importantes da campanha européia foram tomadas entre os comandantes aliados, a despeito da notória animosidade que havia entre alguns deles.

Agora, o 15º Corpo, que se dirigia para o Sena e já havia atingido Laval, seria desviado para o Norte, na direção de Alençon, quando atingisse Le Mans. Ao mesmo tempo, o planejado ataque canadense para o Sul começou, por pura coincidência, nesse mesmo dia. Além disso, o 1º Exército de Hodges giraria sobre Mortain de modo a atacar para o Nordeste, na direção de Flers.



Tanque Cromwell passa por um canhão AT alemão abandonado de 88 mm durante a "Operação Totalize".

Durante a noite de 07-08/08/44, o 1º Exército canadense lançou a "Operação Totalize", um maciço ataque para o Sul, ao longo da estrada Caen-Falaise. A arremetida levou os canadenses a aproximadamente 13 quilômetros para frente, a meio caminho entre Caen e Falaise.

Os alemães estimaram a força atacante em cerca de 600 tanques e ficaram muito alarmados. A 10ª Divisão Panzer SS havia justamente se retirado para participar do novo ataque contra Avranches, como ordenado por Hitler, mas houve tempo para cancelar as ordens para a retirada das 9ª e 12ª Divisões Panzer SS, que ali permaneceram e enfrentaram os canadenses, afinal detendo o seu avanço dois dias depois.

Em razão disso, e sem que os atarantados defensores de Mortain soubessem, a pressão sobre eles se reduziria um pouco.

Enquanto esses eventos ocorriam longe dali, a Batalha de Mortain continuava acesa. O 3º Bata-

lhão do 120º Regimento, apoiado pela Companhia "B" do 743º Batalhão de Tanques, atacou Barenton ao amanhecer e antes das 10h00min expulsava os defensores do 2º Batalhão do 985º Regimento da 275ª Divisão de Infantaria.

Logo após a meia-noite, um pequeno destacamento de panzergrenadiere se aproximou das posições americanas na Cota 285. Uma sentinela americana detectou o grupo, o que resultou numa rápida troca de granadas de mão. Os alemães tentaram utilizar um lança-chamas, mas ele falhou e tudo o que ele fez foi encharcar um americano com óleo. Quando uma granada feriu vários alemães, eles se retiraram, deixando o lança-chamas e um companheiro seriamente ferido.

Às 04h30min, um forte ataque atingiu as posições americanas, mas foi rechaçado. Os alemães fizeram uso do velho ardil de usar uniformes capturados para se infiltrar – sem sucesso. Às 08h15min, 3 Panzer IV atacaram as posições da Companhia "B", mas rapidamente recuaram quando o veículo na vanguarda foi destruído por um canhão de 3 polegadas do 2º Pelotão da Companhia "A" do 823º Batalhão. Os americanos começaram a disparar com a sua artilharia para garantir que a infantaria não seguisse os panzers. No entanto, várias granadas começaram a cair próximo às posições americanas, forçando seus ocupantes a buscar abrigo. Um Sherman capturado tripulado por homens da "Das Reich" aproveitou a situação e penetrou a linha americana, mas quando a sua tripulação se deu conta de que ninguém da infantaria o havia acompanhado, o Sherman voltou para as linhas alemãs. Um pouco ao Sul, no entanto, a Companhia "A" foi forçada a recuar.

Um novo ataque contra L'Abbaye Blanche foi repellido com a perda de 2 meia-lagartas armados com obuseiros de 75 mm, 2 carros blindados, 1 transportador de munição e 1 caminhão de gasolina. A essa altura, desgarrados de outras unidades surgiram do nada e foram um inesperado e bem-vindo reforço para os defensores.

O PC do 120º Regimento foi submetido a impiedoso bombardeio de artilharia, sofrendo várias baixas, incluindo o S-4, Major James J. Bynum, morto, e seu sucessor, o Capitão Layton. C. Tyner, ferido algumas horas depois.

Às 14h00min, a "Das Reich" lançou um forte contra-ataque contra o flanco Norte da 35ª Divisão. A força atacante consistia de elementos do batalhão de reconhecimento reforçado com elementos das 2ª e 116ª Divisões Panzer, bem como um pelotão de Panzer IV e outro de Panther. Os panzers atropelaram uma seção de canhões do 134º Regimento, matando 7 americanos e destruindo 2 obuseiros de 105 mm. O pelotão de Panzer IV conseguiu emboscar um pelotão de Shermans que estava apoiando o 1º Batalhão do 134º Regimento, destruindo 5 tanques americanos sem sofrer qualquer perda. Os americanos perderam

ainda 2 M10 do 654º Batalhão de Tank Destroyers. O contra-ataque também capturou um posto de atendimento médico e o estacionamento de viaturas do 2º Batalhão do 134º Regimento. Depois que um Panther e um Panzer IV foram postos fora de combate por disparos de bazuca, um par de Panzer IV ocupou posições sobre a linha de comunicações dos 1º e 2º Batalhões do 134º Regimento. Fato inusitado, vários oficiais e médicos do 134º Regimento e do 737º Batalhão de Tanques, que haviam sido capturados, foram libertados, pois os panzers não tinham infantaria de acompanhamento para cuidar deles.

Às 18h00min, duas companhias do 1º Batalhão do 119º Regimento atacaram o 2º Batalhão do 4º Regimento SS em Romagny, perdendo 2 Shermans, além de várias baixas na infantaria. Os tanques americanos destruíram um Panzer IV e um veículo de transporte de munição durante o combate. Convencidos de que o assalto a Romagny não poderia ser bem-sucedido até que o batalhão fosse reforçado, o ataque foi suspenso à noite.

Na Cota 314, o “Kampfgruppe Fick” havia concluído o cerco à colina, mas revelou-se incapaz de eliminar o bastião americano. Os alemães realizavam bombardeios de inquietação com artilharia e morteiros e também enviavam patrulhas para avaliar as defesas americanas durante a noite, o que se tornaria uma rotina nas noites seguintes. Cada companhia americana formava patrulhas para caçar esses intrusos. Normalmente, uma patrulha alemã conseguia penetrar as linhas americanas, mas não conseguia voltar. De fato, durante todo o cerco, os americanos tiveram pouca ou nenhuma oportunidade para dormir.



Posição do “Batalhão Perdido” na Cota 314: resistência heróica.

O dia 8 foi excepcionalmente tranquilo na colina, já que os alemães não fizeram outra tentativa de capturá-la. No entanto, as últimas caixas de ração K foram consumidas pelo meio-dia e o estoque de munição estava perigosamente baixo. A evacuação de feridos era impossível e os suprimentos médicos também começavam a escassear. Os

feridos de todas as companhias foram reunidos em trincheiras com padiolas. Embora se fizesse tudo para dar um mínimo de conforto a eles, não havia médicos na colina e os enfermeiros tiveram que realizar verdadeiros milagres.

Os mortos permaneciam onde haviam tombado até que patrulhas os resgatassem durante a noite. Foram estabelecidos pontos de coleta de cadáveres em cada posição de companhia e eles eram mantidos fora das vistas.

Outro problema grave foi o esgotamento das baterias dos rádios. Num esforço para aumentar a vida útil delas, foi determinado que uma companhia por vez ligasse o seu rádio, a menos que precisasse pedir apoio de fogo e, mesmo assim, com mensagens curtas. As ordens recebidas do Q.G. do regimento eram retransmitidas para as outras companhias através de patrulhas. Ainda assim, o contato pelo rádio com o Q.G. regimental era esporádico.

Apesar de tantas adversidades, o moral entre os defensores manteve-se alto durante todo o cerco. Os soldados na colina não estavam excessivamente preocupados com a situação, desde que o fogo de artilharia continuasse.

Na região de Mayenne, o CCA da 3ª Divisão Blindada e as 1ª e 90ª Divisões de Infantaria americanas romperam a linha do 81º Corpo. Com isso, a 9ª Divisão Panzer, que devia participar da nova ofensiva sobre Avranches, foi desviada para Mayenne para selar a brecha.

Os Americanos Resistem

Às 11h00min de 09/08/44, os americanos atacaram a partir de Juvigny contra posições do 3º Regimento SS. Vários outros ataques, apoiados por tanques, partiram do Norte e Noroeste, mas foram detidos e vários tanques americanos foram destruídos por Panzerfaust. O flanco direito do 3º Regimento SS foi particularmente visado, mas a ligação com o “Leibstandarte” foi mantida. As baixas foram pesadas.

Na Cota 285, os americanos resistiram a mais um forte ataque do “Kampfgruppe Ullrich” e passaram então a ser bombardeados insistentemente pelos alemães. O 1º Batalhão foi retirado da colina para atacar na direção de Mortain e o pelotão de Tank Destroyers (cujos canhões antitanques já haviam sido destruídos) recuou ao anoitecer, permitindo aos alemães tomar posse da Cota 285, ao preço de 7 blindados e 50 mortos. Dois dias depois, os americanos reocuparam a colina quando a 2ª SS recuou.

Às 20h30min, o 1º Batalhão do 119º Regimento tentou atacar Romagny com o apoio de tanques, mas um contra-ataque realizado pelo 2º Batalhão do 4º Regimento SS, apoiado por panzers, forçou os americanos a desistir da idéia, tendo perdido 3 tanques.

Na Cota 314, a fome, a sede e o sofrimento estavam começando a se manifestar e a munição estava praticamente esgotada. Vários feridos morreram durante a noite e os corpos dos mortos – americanos e alemães – estavam se deteriorando no calor do verão europeu, com o odor nauseabundo se espalhando pela colina. Dois aviões de observação de artilharia foram carregados de suprimentos e enviados para a colina, mas ambos foram alvejados pela artilharia antiaérea alemã quando se aproximavam. Fazendeiros franceses forneciam aves domésticas, legumes e leite aos sitiados, mesmo sabendo, naturalmente, que corriam o risco de represálias por parte dos alemães, no caso destes conseguirem dominar a colina. A situação estava claramente se tornando difícil e o moral começou a declinar. Muitos dos homens estavam certos de ser questão de tempo serem esmagados.

Por volta das 18h20min, um oficial alemão se aproximou das posições americanas com uma bandeira branca. Ele se identificou como um oficial das SS e que estava autorizado a propor condições bastante honrosas para uma rendição. Ele acrescentou sua admiração pela capacidade de resistência do batalhão, mas deixou bem claro que a situação dos americanos era desesperada. Ele mencionou os nomes dos oficiais do batalhão que haviam sido capturados, insinuando que não havia humilhação alguma numa rendição naquelas circunstâncias. Também garantiu tratamento adequado aos feridos. Por fim, ele comunicou que se a rendição não se desse até as 20h00min, o batalhão seria feito em pedaços.

O Tenente Kerley, comandante da Companhia “E”, respondeu simplesmente com um sonoro palavrão¹⁰.

Por volta das 20h15min, os alemães tentaram cumprir a promessa: os SS atacaram gritando “rendam-se!” à medida que corriam para os “foxholes” americanos. Como a munição estava muito escassa, a defesa dependia quase que exclusivamente da artilharia. Quando os alemães penetraram nas posições da Companhia “E”, Kerley pediu que a artilharia disparasse contra as suas próprias posições. Isso foi o suficiente para desbaratar os atacantes e a posição foi mantida. Pelas 21h00min, uma ambulância do 105º Batalhão Médico americano foi detida num bloqueio de estrada feito pela “Das Reich” próximo a Barenton. Os alemães detiveram como prisioneiros dois homens que estavam levemente feridos e liberaram o pessoal médico e dois feridos graves,

¹⁰ Aqui temos mais uma similaridade com a Batalha das Ardenas: o famoso “Nuts!” do General MacAuliffe. Algumas fontes citam que Kerley teria dito que ele “não poderia se render até que o último cartucho tivesse sido disparado e que a última baioneta tivesse se quebrado numa barriga alemã”. Mas o próprio Kerley, que sobreviveu à guerra, desmentiu essa versão.

que, no entanto, acabaram morrendo na viagem de volta.



Posto de Atendimento de Emergência do 105º Batalhão Médico, nas cercanias de Mortain, agosto de 1944.

Embora os alemães tivessem falhado em recuperar o impulso, eles haviam obtido uma séria penetração no dispositivo americano e mantinham seus ganhos com determinação, na esperança da chegada de reforços para dar prosseguimento à ofensiva. O novo ataque a Avranches, originalmente marcado para 09/08/44, foi adiado por causa do avanço canadense ao Norte de Falaise e, no fim, receoso de que esse segundo ataque não falhasse como o primeiro, lançado prematuramente, Hitler reservou-se a escolha da Hora-H. Ele também permitiu retiradas em outros setores, o que não era típico dele, e ordenou que se evitassem ataques que pudessem causar baixas e enfraquecer a força.

No entanto, Eberbach, que deixara o comando do 5º Exército Panzer para formar, a 10/08/44, o Q.G. do “Panzergruppe Eberbach”, destinado a realizar a nova ofensiva, concluiu que não poderia atacar antes de 20/08/44, porque só então teria os reforços necessários e também a proteção da noite em lua nova contra a artilharia e a aviação aliadas.

Nessa ocasião, porém, o 15º Corpo americano estava efetuando o giro para o Norte. Com isso, os americanos ao Sul e os canadenses ao Norte formariam as duas pinças de uma tenaz que ameaçava cercar todo o exército alemão na Normandia. Kluge concluiu que os movimentos canadense e americano representavam uma ameaça séria demais para ser ignorada. Ele passou a cogitar de transferir o seu eixo de ataque do Oeste para o Sudeste, para esmagar a pinça americana. A 10/08/44, Kluge pediu a Jodl que submetesse a sua idéia à aprovação de Hitler. Este não tomou nenhuma decisão e sua resposta consistiu de uma série de perguntas, a maioria, segundo parecia, para esclarecer o que não entendera na questão.

Na 35ª Divisão, chegaram informações a respeito da precária condição do "Batalhão Perdido" – a situação era considerada desesperada. A menos que o socorro chegasse logo, a sua brava resistência chegaria ao fim.

A divisão retomou a ofensiva a 10/08/44 contra tenaz resistência. O 1º Batalhão do 320º Regimento, tendo o 737º Batalhão de Tanques anexado, recebeu a missão de atingir a Cota 314 e resgatar o "Batalhão Perdido". Esse ataque começou às 15h00min, com os tanques avançando em coluna e uma companhia de infantaria encarapitada neles. A artilharia lançou uma preparação de 10 minutos e exatamente na hora do ataque, aviões apareceram e bombardearam diante da linha de progressão dos blindados. Fumaça disparada pela artilharia marcava os alvos. Em uma hora, os tanques haviam avançado cerca de 1,5 quilômetro sob pesado fogo de artilharia e antitanque. Antes do fim do dia, eles alcançaram o sopé da colina¹¹. Esse avanço determinado, igualado por esforço similar feito pelo 134º Regimento, cortou em dois o bolsão de resistência alemão a Oeste da rodovia.

Também às 15h00min, os americanos atacaram novamente Romagny sem sucesso. As linhas defendidas pelo batalhão de reconhecimento da "Das Reich" foram rompidas, mas os alemães conseguiram restabelecê-las. No setor do 3º Regimento SS, tanques do CCB da 3ª Divisão Blindada também atacaram, sofrendo fortes perdas para os Panzerfausts.

Às 16h00min, o "Kampfgruppe Fick" tomou a Cota 307, logo ao Sul da Cota 314. Os alemães atacaram novamente L'Abbaye Blanche, sendo novamente repelidos com pesadas baixas.

Na Cota 314, porém, os soldados sitiados foram avisados de que haveria um lançamento de suprimentos por via aérea, mas eles estavam tão desapontados com as recentes e catastróficas mancasadas da aviação que simplesmente não acreditavam no seu êxito.

Por volta das 15h30min, 4 caças apareceram e atacaram as posições alemãs. Depois, eles passaram a voar em círculos sobre as posições americanas. Os soldados pularam em seus abrigos, supondo que eles seriam novamente atacados por engano, mas, por volta das 16h00min, os caças retornaram escoltando os aviões de transporte, que lançaram suas valiosíssimas cargas sobre as posições americanas – e alemãs, onde caiu cerca de metade da carga lançada. Apesar disso, o que os americanos recolheram foi o bastante para aliviar a situação e melhorou significativamente o moral da tropa. Além de munição, comida e suprimentos médicos, foram recebidas

novas baterias para os rádios, o que foi igualmente bem vindo.

O comando do regimento foi informado do sucesso da missão e outra foi programada, dessa vez com mais ênfase em suprimentos médicos.

Nesse meio tempo, o S-3 do 230º Batalhão de Artilharia de Campanha teve a genial idéia de recheiar granadas de artilharia com suprimentos médicos. Ele então comunicou aos homens na colina a sua intenção e o lançamento teve início às 21h30min, sendo disparados 10 projéteis. Lamentavelmente, nenhum deles foi encontrado, devido à escuridão.

Os Alemães Derrotados

A 11/08/44, Kluge discutiu a situação com Hausser e Eberbach e os três concluíram que a situação do flanco esquerdo dos seus exércitos exigia medidas urgentes, como o envio de tropas blindadas para lá, o que impossibilitaria o planejado ataque a Avranches e, portanto, a retirada da área de Mortain se tornaria inevitável. Como resultado dessas consultas, Kluge escreveu a Hitler insistindo para que o 7º Exército se retirasse de Mortain e concentrasse suas forças perto de Carrouges, para atacar para Sudeste a 14/08/44.

Hitler concordou de modo geral, embora se reservasse, em última instância, a manter o ataque para o Oeste. Além disso, permitiu uma pequena retirada das forças entre Sourdeval e Mortain, antes de um ataque ao 15º Corpo americano. A "Das Reich" já havia feito uma retirada para Leste de Mortain na noite de 10-11/08/44, mas a pequena retirada autorizada por Hitler efetuou-se na noite de 11-12/08/44. Embora ninguém quisesse admitir na ocasião, isso representou o fim do sonho de Hitler de atacar em direção ao mar – e da última esperança de restabelecer um front contínuo na Normandia.

Mas a decisão veio bem a tempo. Quando Eberbach visitou a área de Alençon na tarde de 11/08/44, simplesmente não encontrou nenhuma defesa organizada.

Também a 11/08/44, quando Haislip já iniciara o seu movimento para o Norte, Montgomery expôs o seu conceito da ideia de cerco. Ele aceitou o plano de Bradley que indicava um ataque direto para o Norte, mas manteve a sua tradicional frieza ao concluir, acertadamente, que a reação alemã mais provável seria tentar impedir as "mandíbulas" de se fecharem, permitindo a fuga do grosso dos exércitos alemães para o Leste. Montgomery achava também que, diante dessa reação dos alemães, seria mais fácil os canadenses capturarem Falaise e alcançar Argentan do que os americanos atingirem Argentan pelo Sul. Portanto, ele deu ordens aos canadenses para que prosseguissem no ataque a Falaise. Ao mesmo tempo, ele insistiu com Bradley para que se man-

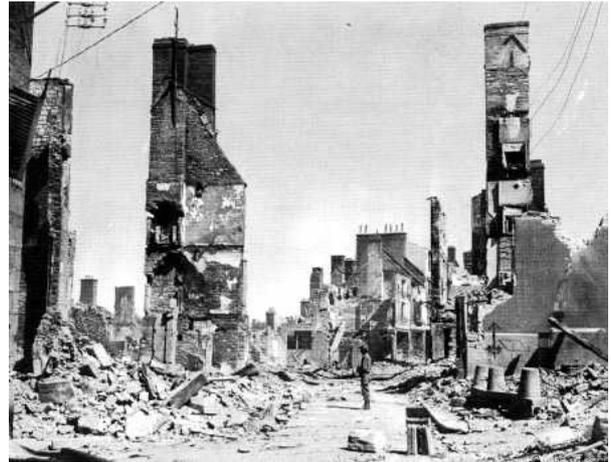
¹¹ Por essa arrojada ação, o 1º Batalhão do 320º Regimento e o 737º Batalhão de Tanques receberam a Citação Presidencial de Unidade.

tivesse o movimento mais longo para o Sena. Nesse dia, elementos da 4ª Divisão de Infantaria assumiram parte da frente do 137º Regimento e este seguiu então para a floresta de Mortain. Ao amanhecer, o 230º Batalhão de Artilharia tentou novamente lançar suprimentos médicos para os sitiados através de granadas e disparou 6 projéteis, os quais foram todos recolhidos. Porém, as embalagens de morfina e plasma não agüentaram o tranco desse meio de transporte e se romperam. No entanto, o sistema foi considerado satisfatório para o envio de bandagens e logo o 743º Batalhão de Tanques e o 113º Batalhão de Artilharia de Campanha também participaram dessa operação. De fato, poucos recursos realmente chegaram aos homens por esse processo, mas, pelo menos, serviu para levantar o moral. Na Cota 314, e para a sua surpresa, os americanos observaram que a movimentação das colunas alemãs agora se fazia no sentido Leste. Longas colunas de veículos estavam deixando Ger e Saint Barthélemy. Os alemães estavam recuando! Tendo restabelecido o contato com o regimento, os homens na Cota 314 dirigiram a artilharia para esses alvos apetitosos. A aviação também entrou na festa e os P-47 Thunderbolt bombardearam essas colunas continuamente durante o dia todo. O estrago nas colunas alemãs foi dramático. Durante a noite, as colunas alemãs marchavam a pé, mas também receberam a atenção da artilharia americana e o seu êxito pôde ser avaliado pelos gritos ouvidos pelos homens na Cota 314. O resgate do “Batalhão Perdido” agora era encarado como uma certeza e os homens passaram a aguardar ansiosamente por ele.

Termina o Cerco

O ataque da 35ª Divisão para libertar o “Batalhão Perdido” continuou pelo dia 12/08/44, à medida que o 320º Regimento margeava a colina. O 137º Regimento prosseguiu no seu ataque e, de manhã cedo, a crista do terreno elevado ao Norte de le Gil Bouillion havia sido reconquistada. Subindo nos tanques do 737º Batalhão de Tanques, a infantaria americana abriu caminho à força contra determinada resistência inimiga. A cerca de 500 metros da Cota 314, o último tanque incólume deteve-se para cobrir o avanço dos infantes. O batalhão prosseguiu a pé, lutando ferozmente em combates à curta distância. Por volta das 11h30min, homens do 320º Regimento de Infantaria fizeram contato com a Companhia “G”. O Tenente Homer W. Kurtz, do 3º Batalhão do 320º Regimento, foi o primeiro a fazer contato com o “Batalhão Perdido”. Esperando por esse momento, o pessoal de logística da divisão estava a postos para enviar rapidamente todo tipo de suprimentos à guarnição da Cota 314. Um caminhão com suprimentos e

água, escoltado por 3 tanques, foi o primeiro a chegar. Após descarregar a sua valiosa carga, o comboio retornou ao Q.G. da 35ª Divisão levando 20 homens que estavam seriamente feridos. Enquanto a 35ª Divisão libertava a Cota 314, Mortain voltava para as mãos do 120º Regimento, Sourdeval era libertada pela 28ª Divisão de Infantaria e St. Barthélemy pelo dizimado 117º Regimento. O 8º Regimento encontrou-se com o 119º em le Mesnil-Tôve, cortando a ponta de uma das cunhas alemãs, restabelecendo uma linha contínua. A Cota 285 voltara para mãos americanas na véspera.



O que restou de Mortain, a 13/08/44.

Pelas 13h00min, o “Batalhão Perdido” havia sido totalmente substituído. Sua ação escrevera um dos mais incríveis episódios da História militar americana. Entre 7 e 12/08/44, o 2º Batalhão do 120º Regimento, precariamente suprido pelo ar e por artilharia, manteve o controle da colina, a despeito de ser completamente cercado e dos repetidos assaltos alemães (das SS), com artilharia, blindados e infantaria. Mesmo tendo perdido o seu comando, ele negou aos alemães a posse do terreno dominante de toda a região. Embora os alemães conquistassem Mortain, eles não haviam obtido o controle de suas estradas, tão vitalmente necessárias para se ter qualquer esperança de êxito em sua empreitada. Toda a movimentação alemã na área de Mortain havia sido paralisada, devido à capacidade americana de direcionar o fogo de seus canhões (nada menos que 10 batalhões de artilharia) a partir de suas posições. Em consequência disso, as linhas de suprimento alemãs foram sempre bombardeadas por onde quer que passassem. Durante a Batalha de Mortain, os alemães diziam que a Cota 314 era um “Espinho na Carne”. Após o conflito, oficiais de Estado-Maior alemães declararam que a guerra foi perdida quando seu contra-ataque em Mortain falhou. Mas tamanho êxito custara caro: o batalhão havia perdido 277 homens, entre mortos, capturados e

desaparecidos. Ao todo, 376 homens conseguiram sair da colina andando.

A história dessa batalha é repleta de episódios de heroísmo, sacrifício e determinação. Muitos homens receberam condecorações por seus feitos na Cota 314, embora a burocracia para a indicação e a situação fluida da frente fizessem com que as premiações se atrasassem ou mesmo não fossem concedidas. Algumas só foram entregues em novembro e outras se tornaram póstumas¹².

O fato de que a 30ª Divisão manteve-se firme contra um grande ataque é notável por si só. Porém, além disso, foi extremamente importante que as forças alemãs fossem fixadas em Mortain, permitindo ataques aéreos e bombardeios de artilharia precisos e devastadores. Entretanto, esse feito, por notável que seja, foi ofuscado pelo significado muito maior no âmbito de toda a frente ocidental.



“Valor”, “Sacrifício” e “Coragem”, memorial na Cota 314, erguido em 1984 pela Associação de Veteranos da 30ª Divisão. Em 1994, Mortain passou a fazer parte das comemorações da 2ª Guerra Mundial nos EUA.

A Corrida para Falaise

A 12/08/44, o Q.G. do 47º Corpo Panzer assumiu a responsabilidade pela área de Argentan e enviou elementos da 116ª Divisão Panzer para Mortrée, aonde chegou bem a tempo de bloquear o avanço da 5ª Divisão Blindada americana. O restante da 116ª Divisão Panzer também se postou defensivamente, devido à rapidez e à violência do avanço aliado (agora incluindo a 2ª Divisão Blindada francesa). As outras divisões Panzer previstas para participar do ataque (1ª SS e 2ª) come-

çaram a chegar à região de Argentan no dia 13, mas também elas foram obrigadas a tomar posições de defesa de imediato.

Com isso, o ataque à ponta-de-lança aliada, planejado por Kluge e autorizado por Hitler, teve que ser cancelado. Com o 7º Exército e o 5º Exército Panzer sendo continuamente obrigados a permanecer na defensiva, a verdadeira natureza da situação, por fim, começou a revelar-se aos comandantes alemães.

A 14/08/44, uma nova ordem de Hitler exigiu que se desfechasse o ataque na área de Alençon-Carrouges, a fim de destruir a vanguarda americana, usando para isso as 9ª e 10ª Divisões Panzer SS e a 21ª Panzer. Hitler responsabilizou Kluge e seu fracasso no primeiro ataque a Avranches pela perigosa situação existente na retaguarda do Grupo-de-Exércitos.

Mais uma vez, porém, os acontecimentos tornaram obsoletas as ordens de Hitler, pois os efetivos disponíveis eram por demais insuficientes para enfrentar o ataque canadense e ainda pensar em atacar. A 21ª Divisão Panzer foi logo empenhada na defesa em Falaise e a 10ª SS acabou empenhada contra os americanos na região de Domfront.

A 15/08/44, dois eventos complicaram ainda mais a situação dos alemães: Kluge saiu do Q.G. de “Sepp” Dietrich, comandante do 1º Corpo Panzer SS, para se encontrar com Eberbach e Hausser, mas seu carro foi atacado por aviões aliados e seu rádio foi danificado. Ele passou o resto do dia se escondendo numa trincheira e só voltou de madrugada ao seu Q.G., onde imperava o caos. Já então, Hitler nomeara Hausser como comandante interino do Grupo-de-Exércitos. Ele ordenou então que Kluge saísse do bolsão de Falaise e que comandasse a batalha do Q.G. do 5º Exército Panzer. Posteriormente, ele acusou Kluge de tentar fazer contato com os aliados para render os exércitos alemães na França.

O outro acontecimento foi a “Operação Dragoon”, o desembarque aliado na Provença, selando definitivamente qualquer possibilidade dos alemães permanecerem na França.

Às 02h00min de 16/08/44, Kluge informou a Jodl que a situação exigia uma retirada geral, voltando a insistir nisso pouco depois do meio-dia. Jodl então determinou que fosse realizado um ataque para Sudeste, para ampliar a brecha para a fuga e criar melhores condições para a defesa dela.

Kluge perdeu a paciência. Disse claramente: “Não importa quantas ordens sejam dadas! Não temos recursos e nem os soldados estão em condições físicas favoráveis para enfrentar o inimigo. Seria um erro fatal alimentar alguma esperança de resultados! E poder algum deste mundo pode realizar um milagre apenas por uma ordem que se possa dar. A situação é essa!”

Por sua conta e risco, Kluge ordenou a retirada,

¹² Receberam a Citação Presidencial de Unidade: 2º Batalhão do 120º Regimento; Companhia “K” do 120º Regimento; Companhias “A” e “B” do 823º Batalhão de Tank Destroyers e 1º e 2º Pelotões da Companhia Antitanque do 120º Regimento.

que começou nessa noite e foi o ponto de partida de uma retirada geral que só parou nas fronteiras alemãs, um mês depois.

No entanto, já era tarde demais. Com os canadenses avançando em direção ao Sul e os americanos investindo para o Norte, prestes a fazer a junção, parecia certo o envolvimento completo dos exércitos alemães.

Mas, como os britânicos haviam tido o seu “milagre” em Dunquerque 4 anos antes, os alemães também teriam uma oportunidade inesperada de salvar os restos de seus exércitos.

Subitamente, a 13/08/44, a pressão americana para Argentan foi aliviada e a brecha entre americanos e franceses ao Sul e os canadenses e poloneses ao Norte permaneceu aberta.

O que aconteceu?

A 13/08/44, Haislip entrou em Argentan e estava se preparando para continuar rumo ao Norte, quando recebeu uma ordem direta de Bradley: parar e se posicionar defensivamente, pois os canadenses não estavam ainda prontos para retomar o ataque.

Dentro do bolsão de Falaise estavam 2 Q.G.s de Exército, 4 de Corpo, 9 divisões de infantaria e os remanescentes de 5 Panzers, sendo comprimidas num espaço de 10 por 16 quilômetros entre Argentan e Falaise. Ao todo, cerca de 150.000 homens.



A devastação no Bolsão de Falaise.

A 14/08/44, os canadenses lançaram a “Operação Tractable” e, no dia seguinte, “Monty” alterou o limite entre os Grupos-de-Exércitos, autorizando o avanço americano para o Norte. A 19/08/44, a 1ª Divisão Blindada polonesa fez contato com a 90ª Divisão de Infantaria americana em Chambois, cercando assim cerca de 60.000 alemães no bolsão, submetidos a um demolidor e constante bombardeio de artilharia e aéreo, que causou uma carnificina indescritível nas congestionadas estradas da região. Por 21/08/44, as tentativas alemãs de reabrir a brecha haviam sido sufocadas e mais de 50.000 homens renderam-se às forças aliadas, efetivamente riscando o 7º Exército da ordem de batalha alemã. Entre os feridos que conseguiram escapar, estava o General Hausser, baleado no maxilar. Ele ficaria fora de

combate até janeiro de 1945.

As famosas divisões Panzer alemãs haviam sido reduzidas a esqueletos: a 116ª tinha agora um efetivo de 500 homens; a 2ª SS, 450; a 12ª SS, 300. A 1ª SS e a 10ª SS não tinham mais um único tanque sequer.

O desfecho desse drama ocorreu a 19/08/44, nas proximidades de Metz, na França. Secamente dispensado por Hitler e substituído pelo Feldmarschall Walter Model a 17/08/44, Kluge recebeu ordem para voltar à Alemanha. Sabendo que havia fortes suspeitas de seu envolvimento no atentado de 20/07/44, Kluge cometeu suicídio, com cianeto, durante a viagem para a Alemanha.

A vitória aliada na Normandia havia sido absoluta – mas não completa. Ao deter o 15º Corpo em Argentan, Bradley deixou de cercar dezenas de milhares de alemães, atraindo a ira de alguns de seus pares (inclusive Patton), historiadores e milhares de estrategistas de fim-de-semana nas últimas seis décadas.

Mas isso é outra estória...

Desfecho

Embora as baixas americanas durante a Batalha de Mortain fossem bem menores que em outras batalhas, em alguns setores, principalmente nas posições mantidas pela 30ª Divisão, os americanos sofreram baixas pesadas. As estimativas de baixas americanas entre 6 e 13 de agosto variam entre 2.000 e 3.000 mortos, sem contar feridos e desaparecidos. As 4ª, 9ª e 30ª Divisões (por coincidência, as mesmas que iniciaram a “Operação Cobra”) tiveram em conjunto 3.600 baixas, sendo quase 2.000 somente na 30ª.

As perdas alemãs, certamente, foram ainda piores, embora não existam estimativas confiáveis referentes especificamente a esse período, mas é certo que perto de 100 carros de combate foram destruídos.

E o único efeito palpável da “Operação Lüttich” foi atrasar em uma semana (se tanto) a progressão do 7º Corpo americano. Comparando isso com os ambiciosos objetivos da operação (tanto de Kluge quanto de Hitler), isso só nos leva a considerar toda a batalha como um gigantesco fracasso alemão. Além disso, a insistência de Hitler em manter a ofensiva em Mortain, mesmo após ficar evidente o seu fracasso, deu aos aliados uma excepcional oportunidade estratégica. Ao ter a ousadia de manter o mínimo de forças para enfrentar a ofensiva alemã, Bradley teve a chance de cercar todo o Grupo-de-Exércitos “B”. E ainda que não tenha concretizado o cerco, as perdas (em pessoal e material) sofridas pelas forças alemãs no Bolsão de Falaise foram de tal ordem catastróficas que o Exército alemão no Oeste havia deixado de existir como uma força que pudesse desafiar os aliados ocidentais e que era

incapaz de defender eficazmente a Alemanha. Assim, a fronteira alemã ficou praticamente desguarnecida durante os críticos meses de agosto e setembro e apenas problemas de logística impediram os aliados de terminar a guerra em 1944.

Será que existiu realmente alguma possibilidade de sucesso? Não há dúvida de que o ataque apanhou os americanos um tanto desprevenidos e, como Bradley admitiu, se tivesse sido desfechado mais para o Sul, poderia muito bem ter atingido Avranches no primeiro dia.

Mesmo assim, as consequências talvez não fossem tão graves quanto Hitler supunha. Mesmo que a ligação com o 3º Exército tivesse sido cortada e com os portos da Bretanha ainda em mãos alemãs, havia o recurso do transporte aéreo. E, com os aliados dominando os céus, havia poucos riscos das forças avançadas ficarem desabastecidas por muito tempo. E se os alemães tivessem alcançado Avranches, seria difícil a sua manutenção ali, pois as forças já concentradas contra eles (5 divisões de infantaria e 2 blindadas), sem contar outras que certamente seriam enviadas nessa eventualidade, seriam suficientes para expulsá-los ou, pior, cercá-los e destruí-los. A única possibilidade dos alemães obterem alguma vantagem disso seria atrasar Patton o suficiente para iniciar uma retirada organizada para o rio Sena, mas como a finalidade básica da operação era restabelecer a linha da Normandia, mesmo isso dificilmente seria realizado.

Na ocasião, os americanos moviam-se mais, estavam muito melhor equipados e muito mais confiantes para permitir que os alemães os obrigassem a voltar ao tipo de guerra estática das semanas anteriores. Eles não iriam agora permitir que a vantagem adquirida com tanto sacrifício lhes escapasse facilmente das mãos.

Os testemunhos alemães tendem a expressar sentimentos de desgosto com relação à intromissão de Hitler em cada detalhe da batalha. Além disso, os militares alemães viviam os dias imediatamente após o atentado contra Hitler, de forma que todo e qualquer assunto parecia se subordinar a isso. Mas permanece o fato de que alguma coisa tinha que ser feita em agosto de 1944, entre as opções de uma ação ofensiva ou a retirada geral – tentou-se a primeira e tudo o que se conseguiu foi piorar as condições da segunda.

Teoricamente, os riscos assumidos eram justificados, mas a verdade é que o ataque a Mortain é um excelente exemplo da diferença entre ousadia e estupidez.